

# O melhor é a água

Da antiguidade clássica aos  
nossos dias

José Luís Brandão &  
Paula Barata Dias (coords.)

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2182-8814

**DIRETOR PRINCIPAL**  
MAIN EDITOR

Delfim Leão  
Universidade de Coimbra

**ASSISTENTES EDITORIAIS**  
EDITORIAL ASSISTANTS

Elisabete Cação  
Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

Carmen Soares  
Universidade de Coimbra, Portugal

Francisco Oliveira  
Universidade de Coimbra, Portugal

José Augusto Ramos  
Universidade de Lisboa, Portugal

Luísa de Nazaré Ferreira  
Universidade de Coimbra, Portugal

Maria de Fátima Silva  
Universidade de Coimbra, Portugal

Maria do Céu Fialho  
Universidade de Coimbra, Portugal

Nair Castro Soares  
Universidade de Coimbra, Portugal

Nuno Simões Rodrigues  
Universidade de Lisboa, Portugal

Pedro Carvalho  
Universidade de Coimbra, Portugal

Rodolfo Lopes  
Universidade de Brasília, Brasil

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

# O melhor é a água

Da antiguidade clássica aos  
nossos dias

José Luís Brandão & Paula Barata Dias (coords.)

Universidade de Coimbra

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE HUMANITAS SUPPLEMENTUM  
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

TÍTULO TITLE

O MELHOR É A ÁGUA: DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA AOS NOSSOS DIAS  
THE BEST IS WATER: FROM CLASSICAL ANTIQUITY TO OUR DAYS

COORDS. EDS.

José Luís Brandão e Paula Barata Dias

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press  
[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Contacto Contact

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)  
Vendas online Online Sales  
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

Simões & Linhares, Lda.

ISSN

2182-8814

ISBN

978-989-26-1567-7

ISBN Digital

978-989-26-1568-4

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1568-4>

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
www.fct.pt

POCI/2010

Projeto UID/ELT/00196/2013 -

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade  
de Coimbra



© novembro 2018

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Universitatis Conimbrigenis  
<http://classicaldigitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under  
Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

# O MELHOR É A ÁGUA: DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA AOS NOSSOS DIAS

## THE BEST IS WATER: FROM CLASSICAL ANTIQUITY TO OUR DAYS

COORDS. EDS.

José Luís Brandão e Paula Barata Dias

FILIAÇÃO AFFILIATION

Universidade de Coimbra

### RESUMO

Este volume propõe-se apresentar múltiplas leituras sobre o tema da água, desde a sua utilização concreta e material à dimensão simbólica, metafórica e imaterial: como elemento primordial associado à criação do mundo, fonte de vida e de morte, espaço de lazer, elemento constituinte de rituais, via de comunicação ou de separação entre as gentes, meio e sinal de civilização e elemento estruturante da cidade. As fontes usadas provêm da filosofia antiga, da religião, da poesia, da dramaturgia, da história e biografia, da arqueologia, tanto na antiguidade como na receção humanista e contemporânea.

### PALAVRAS-CHAVE

Água, cosmogonia, Píndaro, aquíferos, mar, cidade, ritual.

### ABSTRACT

This volume aims to present multiple readings on the subject of water, from its concrete and material use to the symbolic, metaphorical and immaterial dimension: as primordial element associated with the creation of the world, source of life and death, space of leisure, element of rituals, way of communication or separation between the people, medium and sign of civilization and structuring element of the city. The sources used come from ancient philosophy, religion, poetry, dramaturgy, history and biography, archeology, both in antiquity and in the humanistic and contemporary reception.

### KEYWORDS

Water, cosmogony, Pindar, aquifers, sea, city, ritual.

## COORDENADORES

José Luís Lopes Brandão, professor associado do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, dedica-se ao estudo da língua, cultura e literatura latina (epigrama, romance latino, biografia, historiografia), bem como da história de Roma. Entre os autores que tem estudado salientam-se Marcial, Suetónio, a *História Augusta* e Plutarco, sobre os quais publicou diversos estudos e traduções. Trabalha na coordenação de volumes sobre a história de Roma. No que respeita ao teatro clássico, tem desenvolvido atividade relacionada com a tradução e produção dramática (ator, encenador e consultor) no grupo de teatro Thíasos e coordena o Festival de Teatro de Tema Clássico (FESTEIA).

CV completo: [www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6730056978764839](http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6730056978764839)

Orcid ID: [orcid.org/0000-0002-3383-2474](https://orcid.org/0000-0002-3383-2474)

Paula Barata Dias, professora auxiliar do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos (CECH), doutorada em Literatura Latina Medieval, dedica-se ao estudo da história, sociedade, cultura e literatura da Antiguidade Tardia e Alta Idade Média, com particular enfoque nos temas da religiosidade, cristianismo e da Patrística grega e latina. É também membro do grupo de investigação DIAITA-Patrimónios Alimentares e tem investigado na área da tradição clássica e receção contemporânea da cultura antiga. Sobre estes temas tem feito conferências, e participado em revistas da especialidade e em publicações coletivas.

CV completo: [www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=3359419879432203](http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=3359419879432203)

Orcid ID: [orcid.org/0000-0002-4730-914X](https://orcid.org/0000-0002-4730-914X)

## EDITORS

José Luís Lopes Brandão is associate professor at the Institute of Classical Studies of the Faculty of Arts and Humanities of the University of Coimbra and researcher at the Center for Classical and Humanistic Studies. He is devoted to the study of the Latin language, culture and literature (epigraph, Roman novel, biography, historiography) as well as the history of Rome. Among the authors who he has studied are Martial, Suetonius, *Historia Augusta* and Plutarch, on which he published several studies and translations. He coordinates volumes on the history of Rome. As far as classical theatre is concerned, he has worked in the translation and dramatic production (actor, director and consultant) in the theatre group Thíasos and coordinates the Festival of Classical Theatre (FESTEIA).

Complete CV: [www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6730056978764839](http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6730056978764839)

Paula Barata Dias is auxiliary professor at the Institute of Classical Studies of the Faculty of Arts and Humanities at the University of Coimbra and researcher at the Centre for Classical and Humanistic Studies (CECH), with a PhD in Medieval Latin Culture and Literature. Her main research interests are the Late Antique and Early Medieval World: history, society, culture and literature, with particular focus on religion, Christianity, and Greek and Latin Patristic authors. She is also member of the teaching and research group DIAITA- Food Heritage. Relating to these areas, she has organized several conferences and published studies in speciality reviews and collective volumes.

Complete CV: [www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=3359419879432203](http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=3359419879432203)



# SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
<b>I. ÁGUA PRIMORDIAL: MATRIZES FILOSÓFICAS, LITERÁRIAS E RELIGIOSAS</b>	
1. EL AGUA PRIMORDIAL, ENTRE EL MITO Y LA FILOSOFÍA (Primordial Water, Between Myth And Philosophy) Alberto Bernabé	17
2. LO MEJOR ES EL AGUA (The Best Is Water) Fernando García Romero	35
3. LA SIGNIFICACIÓN DE LA IMAGEN DEL AGUA PRIMORDIAL EN PÍNDARO <i>NEMEA VIII</i> (The Significance of the Image of Primordial Water in Pindar's <i>Nemea VIII</i> ) Ana González de Tobia	53
4. AS ÁGUAS QUE MATAM E AS ÁGUAS QUE SALVAM: A AMBIGUIDADE DA ÁGUA NOS TEXTOS BÍBLICOS (Waters that Kill and Waters that Save: the Ambiguity of Water in Biblical Texts) Paula Barata Dias	63
<b>II. ESPAÇOS DA ÁGUA: CENÁRIOS E METÁFORAS EM DESENVOLVIMENTOS LITERÁRIOS GRECO-LATINOS</b>	
5. LAS AGUAS DEL MAR EN <i>EDIPO REY</i> Y <i>EDIPO EN COLONO</i> DE SÓFOCLES (The Waters of the Sea in <i>Oedipus Rex</i> and <i>Oedipus at Colonus</i> by Sophocles) Concepción López Rodríguez	87
6. A SIMBOLOGIA DA ÁGUA E DO FOGO NO PÁRODO DA <i>LISISTRATA</i> DE ARISTÓFANES: UMA ENCENAÇÃO DO GRUPO DE TEATRO THÍASOS (The Symbolism of Water and Fire in the Parodos of the <i>Lysistrata</i> by Aristophanes. A staging of the Thiasos theatre group) Elisabete Cação	103
7. EL MAR EN LA <i>ENEIDA</i> (The Sea in the <i>Aeneid</i> ) Antonio Alvar Ezquerria	111
8. A ÁGUA EM CENÁRIOS GROTESCOS DAS <i>NATURALES QUÆSTIONES</i> SENEQUIANAS (The Water in Grotesque Scenarios from the Senecan <i>Naturales Quæstiones</i> ) Paulo Sérgio Ferreira	133

### III. A ÁGUA E A CIDADE:

#### FONTES HISTÓRICO-BIOGRÁFICAS E ARQUEOLÓGICAS

9. JOGOS DE ÁGUA NA ROMA DOS CÉSARES: VIOLÊNCIA, ERUDIÇÃO E EXOTISMO 157  
(Water Games in Rome of the Caesars: Violence, Erudition and Exoticism)  
José Luís Brandão
10. A ÁGUA NA CIDADE ROMANA: PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO. 175  
O CASO DE *BRACARA AVGVSTA*  
(Water in the Roman City: Research Prospects. The Case Study of *Bracara Augusta*)  
Rui Morais e Lázaro Gabriel Lagóstena Barrios
11. O “AQUEDUTO DO REAL MOSTEIRO DE SANTA CLARA”: ASPETOS DA CONSTRUÇÃO 203  
DE UM AQUEDUTO NO FINAL DO SÉCULO XVIII  
(The “Aqueduct of the Royal Monastery of Santa Clara”:  
Aspects of the Construction of an Aqueduct in the Late Eighteenth Century)  
João Pedro Gomes

#### IV. ÁGUAS NOVAS: A TRADIÇÃO HUMANISTA E CONTEMPORÂNEA

12. REPRESENTAÇÕES DA ÁGUA NA CELEBRAÇÃO DE UM ENLACE REAL: 229  
O CARME *PROTEU* DE MANUEL DA COSTA  
(Representations of Water at the Celebration of a Royal Wedding: the Carmen  
*Proteu* by Manuel da Costa)  
Susana Hora Marques
13. ENTRE O FOGO E A ÁGUA. REAL E SIMBÓLICO NA REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA 243  
DO MARTÍRIO (*PACIECICIDOS* DE BARTOLOMEU PEREIRA, COIMBRA, 1640)  
(Between Fire and Water. Real and Symbolic in the Literary Representation of  
Martyrdom [*Paciecidos* by Bartolomeu Pereira, Coimbra, 1640])  
Carlota Miranda Urbano
14. VERGÍLIO FERREIRA: EM NOME DAS ÁGUAS DOS RIOS, DO MAR E DA CHUVA 257  
(Vergílio Ferreira: in the Name of River, Sea and Rain Waters)  
Ana Seiça

INDEX LOCORVM 267

INDEX NOMINVM 275

## PREFÁCIO

Talvez nunca, como nos nossos dias, tenha sido tão aguda a consciência de que a água é um recurso finito que urge proteger. Nestes dois últimos séculos registaram-se, globalmente, formas acrescidas de poluição, aumento demográfico e alterações climáticas, que se manifestam em períodos de seca extrema alternados com tempestades incontroláveis e terríveis incêndios estivais que deixam fragilizados os nossos ecossistemas e modos de vida diante da extrema preciosidade e, ao mesmo tempo, vulnerabilidade desse elemento vital que é a água: bem precioso a usar conscientemente, a defender, a guardar e a celebrar.

Constatamos, no entanto, que a consciência do valor da água não é de hoje. A história da humanidade, a cultura material e tecnológica das civilizações, a linguagem e os rituais religiosos, as expressões artísticas e, entre estas, sumamente a literatura disso deram conta, mostrando como a água era valorizada no seu uso e nas suas funções, mas também na sua essência de elemento constitutivo do cosmos envolvente.

Este volume propõe-se, pois, apresentar múltiplas leituras da água, desde a sua utilização concreta e material à dimensão simbólica, metafórica e imaterial: seja como elemento primordial associado à criação do mundo; como símbolo e fonte de vida ou, paradoxalmente, gerador de morte, como cenário lúdico e espaço de lazer, como elemento constituinte de rituais, mas também como via de comunicação ou de separação entre as gentes, como meio e vestígio de civilização e elemento estruturante e promotor da cidade enquanto modo complexo de organização das comunidades humanas. Por isso, a água vai jorrando através dos textos filosóficos e religiosos, da poesia, da dramaturgia, das fontes histórico-biográficas e arqueológicas, tanto na antiguidade como na receção humanista e contemporânea. Trata-se, portanto, de contributos de estudiosos de vária proveniência e de áreas diversas (filosofia, línguas e literaturas, história, arqueologia) que aceitaram partilhar os seus conhecimentos e reflexões sobre as marcas que a água deixou, quer no pensamento antigo e moderno quer em estruturas urbanas moldadas pelo homem.

A água como elemento primordial (tema da parte I) figura, como é sabido, nos relatos míticos e religiosos, bem como nas preocupações dos filósofos pré-socráticos. Tal interrogação sobre as origens ecoa igualmente em numerosos desenvolvimentos literários matriciais. Assim, Píndaro propiciou, desde o início, papel de relevo como um motivador desta obra, pela sua enigmática abertura da *Olimpica* 1, com a expressão “o melhor é a água”, da qual a publicação tira o lema, seja a interpretação para este estatuto primordial cosmológica, metáfora da poesia do autor, ou simplesmente a expressão da força daquele elemento como

Se observan tres partes fácilmente identificables en la Oda:

En la primera parte, se presenta un mito genealógico fundacional: el de Éaco, hijo de Zeus y de Egina rey de Enona. Se traza un ámbito estricto, que es el de Egina, vinculado íntimamente con el vencedor, ya desde la fundación misma de la ciudad y la familia. Éaco fue el epicentro de sagaz consejo y Egina obró como fuerza centrípeta para los pueblos vecinos. *Olbos* se convierte en el concepto central. Éaco es la esperanza de una seguridad divina para Egina contra el infortunio y el poeta le ofrece este poema como suplicante<sup>7</sup>.

En la segunda parte, el poeta presenta el mito de Áyax y a través de él ilustra el poder de la envidia; muestra los modos de la *párfasis*, y alude al falso médico.

En realidad, hay un médico verdadero, que es el poeta, que ofrece su poema a Éaco y, a la vez, a las heridas de Egina. Esta idea se refuerza con la mención de Adrasto y los Cadmeos.

### 2.1 Primer mito: Éaco<sup>8</sup>

La atmósfera idílica se estableció desde la invocación de apertura con su elogio de la belleza del vencedor y a la excelencia moral, revelada en su reciente Victoria en Nemea.

A través de la unión de Zeus con Egina, se produce en nacimiento de Éaco. Su excelencia física, moral e intelectual, así como su generosidad fueron virtudes reconocidas por los gobernantes de Grecia, hasta el presente estado enriquecido por la victoria y la ciudad.

Resulta significativo que, en la apertura de la oda, los héroes de Esparta y Atenas lleguen a Egina para rendir homenaje al poder de Éaco (N8.7-16)

Esta circunstancia introduce la súplica a Éaco por la *persona loquens* en su ofrecimiento de elogio al vencedor Deínias, tanto como a su padres. Más llamativa es la naturalización politizada de la sumisión de Atenas y Esparta a la autoridad de Egina, en el Golfo Sarónico, porque esta perspectiva reconoce la posición cardinal de Egina en el Golfo Sarónico, situada entre los dos poderes rivales de Atenas y Esparta; aunque la visión ofrecida parece más una toma de posición poética, que el cuadro de una Egina problematizada a través del siglo quinto, como piensan algunos críticos, entre ellos, Hubbard<sup>9</sup>.

El mito de Éaco es un *exemplum* positivo para Deínias de cómo, bajo ideales circunstancias, su actuación podría ser recibida.

Píndaro ya le había ofrecido a Egina, en la persona de Éaco, un gran elogio, y adelantó el tema central que es reconocimiento del mérito y su recompensa.

---

<sup>7</sup> Carey 1976: 192-200.

<sup>8</sup> Carnes 1995: 7-48; Carnes 1996: 83-92.

<sup>9</sup> Hubbard 2004: 78.

Con la ayuda de Éaco, el *olbos* presente engalanó a Egina y a Deinias, porque su victoria puede ser prolongada.

## 2.2 Segundo mito: Áyax

La contienda descrita por Píndaro en los versos gnómicos “*Todos los hombres nobles corren peligro por envidia, pero la habilidad en el uso de la palabra puede derrotarlos también.*” (N8.24-25) muestra el oportunismo que caracteriza el tratamiento del mito en los poetas líricos<sup>10</sup>.

El infeliz Áyax no encontró nobles jueces. El poeta presenta su auto justificación poética.

El tratamiento del segundo mito, actúa como disparador para señalar una alusión al mundo extra-epinico, porque establece una evidente contraposición con el mito de Éaco. Áyax sería el “*exemplum* negativo” para el joven vencedor, si no se considerara que su tratamiento tiene sólo una función retórica<sup>11</sup>.

## 2.3 Una alusión mítica final: la disputa entre Adrasto y los Cadmeos

La mención de Adrasto, en las líneas finales del poema conforma una composición anular de la totalidad del epinico y, desde el punto de vista del contenido justifica la misión encomiástica del poeta, incluyéndola en una tradición épica fácilmente reconocible.

La lucha por el poder, en Tebas, reflejada en las expediciones de los *Siete contra Tebas* y de los *Epígonos* (la única victoriosa para Adrasto es la última, aunque le costó la vida de su hijo) fue anterior a los hechos de la Guerra de Troya.

Píndaro manifiesta que su arte existió antes de la Expedición de los Siete, que, a su vez, es anterior a los hechos de la Guerra de Troya. El *himno encomiástico* supera, en anterioridad, a *párfasis*.

La poesía sobrevive desde los días más tempranos para preservar los grandes hechos.

El encomio queda así unido a una antigua y heroica tradición épica.

## 2.4 La configuración del agua y su función en el interior del epinico. Posición y situación de Egina

La isla de Egina fue sede de los célebres y míticos Eácidas; situada en el Golfo Sarónico, 15 millas al sur de Atenas, fue el sitio original de la arquitectura y la escultura dóricas del Templo de Aphaia, y residencia de muchos de los patrones de Píndaro y Baquílides. También la isla y sus habitantes aparecen de forma prominente en las *Historias* de Heródoto, en especial en la relación de la isla con sus estados vecinos de Atenas y Esparta.

<sup>10</sup> En *Odisea*, Atenea fue uno de los jueces. (Hom. *Od.* 11.543-547)

<sup>11</sup> Miller 1982: 11-120.

La mención de siete clanes (*patrai*) Eginetas están referidos en 11 epinicios de Píndaro, ya sea completos o fragmentarios. Por lo tanto, resulta destacable el nivel de interés en familias y victorias familiares Eginetas en la poesía del epinicio<sup>12</sup>.

## 2.5 Origen mitológico de Egina y Asopo dios-río

El agua configurada como mito.

Como aquellos que, como pastores de los dones de la Cípride, atendiendo al lecho de Zeus y Egina.

*Brotó de esa unión un hijo que fue rey de Enona, excelente en la acción y en las decisiones.* (N8. 6-8)

Según la leyenda, Asopo se casó con Metope, de esta union nacerían doce hijas y dos hijos: Antiope, Asopis, Calcis, Cleone, Cercira, Egina, Eroe, Harpina, Ismene, Nemea, Ornia, Pirene, Platea, Salamina, Sinope, Tanagra, Tebas y Tespia; los dos hijos son: Ismeno y Pelagón.

Cuando una de sus hijas Egina, fue secuestrada por Zeus, Asopo salio a buscarla; al no encontrarla, solicitó información a Sisifo, rey de Corinto, que prometió informarle, si le creaba un manantial permanente. A lo que Asopo accedió.

Las odas Eginetas de Píndaro muestran trazos de un Homero preclásico.

La denominación “preclásico” se refiere a una fase que anticipa la recepción de la poesía homérica en Atenas, durante el período clásico de siglo V antes de Cristo. Un signo claro de semejante épica preclásica es el elemento de coexistencia entre la poesía de Homero y la de Hesíodo. Un aspecto particular de esta coexistencia incluye los mitos sobre el río-dios Asopo y sus hijas. El Píndaro hesiódico es compatible con el Píndaro Homérico.

Para atestiguar esto, Nagy afirma que estos mitos del río-dios y de sus hijas encajan en la ideología política de Atenas, en la era que corresponde al marco temporal de 540-520 AC, y ese marco temporal corresponde a una era preclásica cuando la poesía de Homero y la de Hesíodo todavía coexistían en las Panateneas<sup>13</sup>.

## 2.6 El agua configurada en la gnome

“Brotó la virtud como crece el árbol de la vid, nutrida por la frescura del rocío, y se eleva hasta el húmedo éter, entre los hombres sabios y justos<sup>14</sup>.”

---

<sup>12</sup> Fearn 2011: 175 y ss.

<sup>13</sup> Nagy 2011: 41 y ss.

<sup>14</sup> Nussbaum 1986: I. 27 y ss. Se produjo un tratamiento singular de la Oda, a partir

En la *gnome* se presenta la noción de *areté*, en la imaginería personalizada de la vid que crece, alimentada solamente por las gotas de rocío y tendiendo al cielo, entre los hombres sabios y justos.

El espacio gnómico presenta una reflexión cosmológica, utilizando estos dichos para establecer las visiones de los poemas: lo divino, la condición humana, el hombre en la sociedad y la naturaleza, en el poema.

Una preocupación del pensamiento ético griego es que la vida buena depende de factores que los seres humanos no dominan. La búsqueda de la autosuficiencia mediante la razón tiene sus límites. Así aparecen los elementos vulnerables del buen vivir: conflicto contingente entre valores y elementos ingobernables de la personalidad, a veces atemperados por el poder de la naturaleza.

La frescura del rocío vinculada a la mención del húmedo éter resulta la imagen perfecta de la naturaleza que Píndaro utiliza para iniciar el pronunciamiento ético sobre la imagen de Megas, el amigo al que no puede devolver la vida, pero sí puede glorificar en su poesía<sup>15</sup>.

### 3. CONCLUSIONES

Los ejemplos de la oda de Píndaro muestran que la glorificación del vencedor no es asunto de simple acción eulogística, la enumeración de los logros y de carácter admirables.

El éxito, en general, y la victoria en los certámenes, en particular, no están presentados como objetivos deseables en sí mismos, sino que ellos adquieren valor en relación con la perspectiva más amplia de la observación de la comunidad tanto en la esfera divina como en la social.

Esto no significa que el epinicio no sea primariamente o exclusivamente encomiástico, sino que el concepto de glorificación del vencedor necesita ser explicado.

A partir de los poemas se pone en evidencia que hay algo más para vivir que la victoria y que el vencedor no está por encima del funcionamiento ordinario del mundo; su glorificación refiere a su éxito en la vida, además de sus logros notables, su excelencia, de la cual la victoria es sólo un ejemplo.

Las referencias al contexto más amplio contra el cual se mide la vida exitosa se convierte en una parte necesaria del epinicio.

No hay discurso de elogio que no sea una expresión de cambio, un discurso normativo de lo que es ser un hombre sobresaliente en la sociedad.

La investigación sobre los supuestos cosmológicos que constituyen ese contexto más amplio, por tanto, pretende ser una contribución a una mejor

---

de los versos gnómicos y su enfoque promueve una interpretación filosófica mediante la profundización de conceptos esenciales.

<sup>15</sup> González de Tobia 1999: 63 y ss.

comprensión de lo que implica la glorificación de un vencedor.

La naturaleza, en este caso el agua, resulta un instrumento poético destacable.

La naturaleza puede ACTUAR sin civilización; la civilización no puede ACTUAR sin la naturaleza.

## BIBLIOGRAFÍA

- Boeke, H. (2007) *The Value of Victory in Pindar's Odes*. Leiden-Boston.
- Bury, J. B. (1965) *Pindar Nemean Odes*. Amsterdam.
- Calame, C. (2003) *Myth and History in Ancient Greece*. Princeton.
- Carey, C. (1976) "Pindar's eighth Nemean Ode", *PCPhS* 202: 26-41.
- Carnes, J. S. (1995) Why Should I Mention Aiakos? Myth and Politics in Pindar's "Nemean" 8 [Part I] *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, New Series, Vol. 51, No. 3: 7-48.
- Carnes, J. S. (1996) "Why Should I Mention Aiakos? Myth and Politics in Pindar's "Nemean" 8 [Part II] *Quaderni Urbinati di Cultura Classica*, New Series, Vol. 52, No. 1: 83-92.
- Fearn, D. (ed.) (2011) *Aegina: Contexts for Choral Lyric Poetry. Myth, History, and Identity in the Fifth Century BC*. Oxford.
- González de Tobia, A. M. (1999) "Párfasis: concepto multiplicador en la Nemea VIII de Píndaro", *Limes* 11: 58-67.
- Hubbard, T. K. (1987) "Two Notes on the Myth of Aeacus in Pindar", *Gr. Rom. By. Stud.* 28: 5-22.
- Miller, A. M. (1982) "Phthonos and Parphasis: The Argument of Nemean 8. 19-34", *GRBS* 23: 11-120.
- Nussbaum, M. (1986) *The Fragility of Goodness: Luck and Ethics in Greek Tragedy and Philosophy*. Cambridge.
- Rudhardt, J. (1971) *Le thème de l'eau primordiale dans la mythologie grecque*. Friburgo.
- Roig Lanzillota, L. (1999) "La Nemea VIII en contexto: Hora y la aceptación o rechazo de las excelencias del individuo sobresaliente", *CFG* 9: 41-77.
- Rueda González, C. (2003) "Imágenes del quehacer poético en los poemas de Píndaro y Baquilides", *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios griegos e indoeuropeos* 163, Vol. 13: 115-163.



**AS ÁGUAS QUE MATAM E AS ÁGUAS QUE SALVAM: A AMBIGUIDADE DA  
ÁGUA NOS TEXTOS BÍBLICOS**  
**(Waters That Kill and Waters That Save:  
The Ambiguity of Water In Biblical Texts)**

PAULA BARATA DIAS (pabadias@fl.uc.pt)  
Centro de estudos Clássicos e Humanísticos<sup>1</sup>  
Universidade de Coimbra  
orcid.org/0000-0002-4730-914X

**RESUMO** - A água apresenta, nos textos bíblicos, um estatuto ambíguo. A água que lava e a água que sacia são tópicos recorrentes na linguagem alegórica dos Evangelhos e no contexto objetivo de determinados episódios da vida de Jesus, a par de outros em que a mesma surge enquanto força aniquiladora. Analisando a presença e a simbologia da água em alguns episódios bíblicos, procuraremos interpretar o estatuto ambivalente das águas, (água de punição, água de salvação) à luz da construção tipológica enquanto hermenêutica cristã desenvolvida no NT a partir da ambivalência da água no AT.

**PALAVRAS-CHAVE** - água, Bíblia, Antigo Testamento, Novo Testamento, tipologia, prefiguração.

**ABSTRACT** - Water has an ambiguous status in biblical texts. Waters that wash and waters that quench are recurrent topics in the allegorical language of the Gospels and in the objective context of certain episodes of the life of Jesus, along with others in which it appears as an annihilating force. By analyzing the presence and symbolism of water in several biblical episodes, we will try to interpret the ambivalent status of water (water of punishment, water of salvation) in the light of the typological construction developed by Christian hermeneutics in the NT from the ambivalence of water in the OT.

**KEYWORDS** - water, Bible, Old Testament, New Testament, typology, prefiguration.

Os episódios bíblicos associados à água fazem parte do nosso património de imagens, de referências simbólicas, poéticas e literárias, enquanto membros da cultura europeia e ocidental vincada nos eixos constituídos pela tradição grega, romana e judaico-cristã. Para a maior parte ainda, a água é elemento essencial válido em práticas rituais associadas a uma vivência religiosa cristã, (o batismo, e.g.), o que ultrapassa em muito o impacto da sua perceção enquanto mera

---

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

referência ou símbolo cultural<sup>2</sup>.

Como referências de uma história sagrada para o cristianismo, pertencem ao património comum as narrativas bíblicas em que a água é um elemento central, seja enquanto pano de fundo e contexto, seja enquanto fator de desencadeamento de determinados acontecimentos. O dilúvio, que destruiu a primeira criação, do qual escapou Noé e um par de cada uma das primitivas criaturas, no livro do Génesis; a travessia do Mar Vermelho a pé enxuto pelos Hebreus conduzidos por Moisés e afogamento dos exércitos do faraó, no livro do Êxodo; Jonas lançado ao Mar Mediterrâneo, do barco em que seguia para Ocidente, logo engolido por uma baleia, que o liberta na praia, três dias depois, para que cumpra a sua missão de partir para Nínive.

Integrados no mesmo género narrativo, mas já no NT, apresentam-se episódios de idêntica centralidade para a água: o batismo de Jesus no rio Jordão, num ponto inicial do Evangelho de Marcos que, não apresentando narrativa para o nascimento de Jesus, valoriza este episódio como uma espécie de segundo nascimento, o de Jesus enquanto Cristo “o ungido”, no momento em que emerge das águas (Mc 1, 9). Após o batismo, e o recolhimento no deserto durante quarenta dias, Cristo “nasce” para a sua vida pública (Mc 1, 14).

Também os milagres e as maravilhas realizados por Jesus associados à água (As Bodas de Caná, com a transformação da água em vinho (Jo 2, 1-12); a “transferência para os porcos dos demónios que atormentam um possesso, que se despenham e se afogam no mar (Mc 5, 1-13, Mt 8, 28-34); as curas dos cegos e dos mudos, em que Jesus usa a sua saliva para fazer uma lama curativa (Mc 7, 35; Mc 8, 23); a restituição da visão ao cego de nascença que, após as palavras de Jesus, deve ir lavar-se na piscina de Siloé, contígua ao templo, para recuperar a visão (Jo 9, 6-12); o caminhar milagroso de Jesus sobre as águas; o apaziguamento das águas, em revolta por causa de uma tempestade súbita que se levanta e surpreende os navegantes (Jo 6 16-20; Mc 6, 45-52; Mt 22-33; Lc 22-25). Também nos é dito que Jesus, perseguido pelos Judeus, se retirou para a Transjordânia, atravessando o rio para além de onde João batizava (Jo 10, 40). Por fim, após a ressurreição, se repete no NT o motivo da pescaria abundante e miraculosa, na qual João, o discípulo predileto, reconheceu Jesus (Jo 21 6-7).

Estas ocorrências não são todas idênticas, nem têm o mesmo peso e eficácia nas narrativas, uma vez que a água pode ser agente, símbolo, mas pode, de modo neutral, servir de fundo enquanto contexto espacial. Tomemos o exemplo do episódio do despenhamento dos porcos no mar de Tiberíades após o exorcismo do possesso de Gerasa (Mc 5). Teria este passo uma leitura diferente se, em vez de afogados, se tivessem simplesmente despedaçado contra o solo? Pensemos

---

<sup>2</sup> Citamos os textos bíblicos na edição de Rahlfs 2004 para o AT; Nestle-Aland 1993 para o NT. Ocasionalmente, servimo-nos da Colunga-Turrado 1994. As traduções em português seguem a edição de Alves 2012.

também na morte por afogamento dos exércitos do Faraó no Êxodo (Ex 15, 28). Alterar-se-ia a história, e o seu impacto posterior, se estes tivessem perecido, não por afogamento, mas por um tremor de terra, ou por um fogo de origem também divina? Até onde podemos limitar o que é cenário neutro e o que implica uma intencionalidade no uso de um determinado motivo? Neste domínio, pensamos que a sua recorrência e a existência de diálogo interno entre as manifestações podem servir de indicador de um uso para além do casual.

O motivo da água repetido em momentos significativos das narrativas, enquanto contexto, cenário primário da ação e enquanto assunto em si, organiza-se em dois eixos significativos, um negativo e outro positivo, ora de aniquilação ora de salvação (água que extermina; água que dá vida e salva), que são contrários entre si, mas que absorvem, na sua complexidade, a experiência da relação dos homens com a água enquanto elemento real. Além disso, o diálogo intratextual travado entre as várias referências à água manifesta que ela é deliberadamente portadora de significados que são pré-reconhecidos à composição e à criação dos textos, projetando como motivo literário as expectativas, as vivências, as experiências objetivas e quotidianas de quem criou os códigos para comunicar uma história e uma experiência espiritual.

### 1. A ÁGUA NA GEOGRAFIA DO MUNDO BÍBLICO

A terra prometida para os Hebreus é escassa em água. Onde podemos fundamentar, pois, a motivação para a presença do motivo da água nos textos bíblicos? Recuperemos a experiência real da água para os homens que habitaram o espaço de composição dos livros da Bíblia<sup>3</sup>. Os lugares estratégicos da civilização hebraica situam-se no Médio-Oriente, na estreita faixa, de relevo irregular e de microclimas, com dominância para o clima mediterrânico, situada entre três grandes conjuntos de massas de água, duas bacias hidrográficas que acolheram os movimentos históricos de mobilidade dos Hebreus, de forma quase pendular: No norte de África oriental, o Nilo e o seu delta, a desaguar no Mar Mediterrâneo, logo seguido do Mar Vermelho, que separa o continente africano da Península do Sinai; os rios do Médio-Oriente Eufrates e Tigre, que hoje atravessam países como a Turquia, a Síria, o Iraque e o Irão e desaguem no Golfo Pérsico. Nas suas margens, e graças às dádivas proporcionadas pela abundância de água, civilizações poderosas, com milénios de história, emergiram e condicionaram o espaço geográfico intermédio, influenciando não só a história como também a visão do mundo, a memória, a transmissão do conhecimento oral e escrito. Entre estas duas extensas bacias hidrográficas, o vale do Jordão, do Orontes e do Litani (atravessando os territórios dos atuais Jordânia, Israel, Síria e Líbano), e ainda a planície de Israel e as fossas em torno do Mar Morto, serviam

---

<sup>3</sup> Wright 194. Isbouts 2007.

de canais de comunicação e de circulação de povos. As terras de Canaã, (para nos cingirmos ao espaço histórico e mítico identificado como a terra prometida aos trãsufugas do Egito), são territórios excêntricos em relação aos grandes rios e às maravilhas por eles proporcionadas, mas que acolheram povos que se moviam entre estes dois grandes vales fluviais, registando o AT episódios históricos que documentam a migração para o Egito ou o exílio na Babilónia.

Assim, o Tigre e o Eufrates irrigavam o Jardim no Éden (Gen 2, 14). Abraão migrou de Ur, cidade dos baixios aluviais do rio Eufrates (Gen 11, 31), para a região de Canaã. José, filho de Jacob, fixou a sua descendência no Egito, terra para onde fora vendido, mas que depois se tornou, durante gerações, lar de acolhimento dos Hebreus fugidos de uma grande fome (Gen 42, 1-2; emigração de Jacob para o Egito (Gen 46). A memória escrita dos Hebreus corrobora pois este movimento migratório algo pendular entre os grandes rios a este e a sudoeste de Israel, como fazendo parte de circunstâncias diversas e não necessariamente más.

O contacto com os territórios destes grandes rios refletiu-se, todavia, numa leitura traumática. O exílio do povo Judeu, na Babilónia de Nabucodonosor (597-587 a.C.) foi uma experiência histórica que marcou o fim da primeira existência enquanto espaço-nação e o desmoronar das suas referências fundamentais. Este exílio ficou de tal modo impresso na experiência dos Judeus que nesse momento e lugar se situaram os inícios da fixação da história formal de Israel, ocorrendo a ordenação escrita dos testemunhos orais acerca de um passado mítico, histórico e religioso, e também a reinterpretação deste à luz das experiências transformadoras das viagens e do exílio recentes. O Génesis e o Êxodo fixaram-se literariamente durante ou após o cativo, na alvorada da construção do 2º templo (587-538). Só nesta fase o Pentateuco verá a sua forma definitiva, a partir de uma geração que conhecera a experiência do exílio. Assim, é sobre os rios da Babilónia que os Judeus se sentam a chorar com saudades de Sião, e juram não esquecer Jerusalém (Sl 137).

Nesta fixação da memória se inscreve a racionalização da experiência migratória no Egito que serve de pano de fundo ao Êxodo. O cativo dos descendentes de José no Egito e a sua libertação pelo fundador Moisés, acontecimentos anteriores ao primeiro milénio, anteriores a outros tão importantes para a identidade política do estado de Israel, como são a conquista de Canaã por Josué, a formação das doze tribos de Israel, a fundação de Jerusalém, a edificação do templo, só viram a redação definitiva acontecer após o séc. VI, durante ou logo após o exílio babilónico, surgindo esta experiência contaminada pela memória de um primeiro exílio. Momentos históricos e gerações distintas experimentaram portanto os “rios dos outros”, inscrevendo estes encontros e desencontros na perceção de paisagem interpretada como estranha e estrangeira, em que memória de um passado mítico e uma história traumática se encontram,

convergem e se contaminam.

Se os acontecimentos narrados no Êxodo são problemáticos do ponto de vista da objetividade histórica, o tratamento pela memória coletiva das origens míticas do povo de Israel e da legitimidade da sua aspiração ao solo de Canaã, tal como transparecem do Êxodo e dos livros dos Reis, tal como a redação dos primeiros livros da Bíblia Judaica, surgem objetivamente marcados pela experiência histórica do exílio babilónico, o tempo da fixação escrita dos textos identitários para os Judeus. A memória dos compositores dos textos bíblicos está, assim, condicionada por uma avaliação do espaço e da geografia estrangeiras distinta e diferenciada da que concebe como pátria e ponto de partida ideal. Ou seja, a paisagem natural e humana dos outros, os seus elementos dominantes, as suas características e traços distintivos serviram enquanto símbolos de culturas hostis, opostas ou distintas<sup>4</sup>.

A terceira paisagem aquática presente nas histórias da Bíblia, ainda que com menor expressão, é o Mediterrâneo<sup>5</sup>. As viagens marítimas a partir da costa são esporádicas. Está presente no episódio de Jonas, livro de pequeníssima extensão, porém fundamental para o tema aqui tratado. Composto também após o cativeiro, ficou na imaginação popular a história deste profeta, que resistiu à missão de que Deus o investiu e embarcou para Târsis, no Ocidente. No Mediterrâneo, uma terrível tempestade ameaça fazer naufragar a embarcação (Jn 1, 4-5), e os marinheiros recebem o vaticínio de que Jonas é o causador da fúria divina. Lançado ao mar, é engolido por uma criatura marinha que, após três dias, o larga intacto na praia (Jn 2, 11). O profeta cumpriu, a contragosto, a sua missão de converter Nínive, poupando a grande cidade à destruição. Também o incansável Paulo, já no NT, embarcou de Selêucia para Chipre na primeira viagem missionária (Act 13, 6). A partir da Tróade, navegou para a Samotrácia e Macedónia, momento que marcou a chegada do cristianismo ao continente europeu (Act 16, 11). De maior fôlego, a viagem do prisioneiro Paulo a caminho de Roma, acidentada e perigosa, com transbordos, tempestades, deriva no mar, naufrágio e a salvação

---

<sup>4</sup> Em Dias 2010: 147 – 163, analisámos as referências concretas e simbólicas ao peixe na Bíblia. Estamos convencidos de que a perceção de se habitar uma geografia e de uma natureza distintas das que eram identificadas como pátria está na génese da separação entre espécies de peixe aceitáveis e espécies interditas para a alimentação humana, e que esta inferência pode ser aplicada a grande parte dos interditos alimentares do Levítico e do Deuteronomio. São rejeitados os peixes de águas paradas e de pântano, isto é, sem escamas (vs. peixe de água corrente).

<sup>5</sup> Ramos 1998: 14-17 defende que a interferência dos “mares” na vida quotidiana da sociedade hebraica era pouco significativa, designasse o termo o Mar Mediterrâneo, as águas salgadas; designasse os lagos internos, de água doce, indistintamente chamados de “mar” (*yam* em Hebraico; ver, a propósito desta “indistinção”, Ramos 2008: 62), “não parece ser da experiência marítima acumulada pelos Hebreus que se forjou a densidade simbólica e mitológica com que a imagem do mar se encontra valorizada na literatura bíblica”.

rútilo huyendo al mar (1. IX). Podríamos recordar más episodios.

Pero también el mar forma parte del tejido microscópico del poema, pues hay referencias constantes a él y a su contexto, que sirven de soporte fugaz a recuerdos o evocaciones y a promesas, profecías y anticipaciones narrativas. Los ejemplos de estos procedimientos actualizadores del mar serían interminables.

4. Por si todo ello no bastara, Virgilio recurre a otro procedimiento poético para actualizar la presencia inagotable del mar en su poema: la comparación. A este respecto, conviene reparar en el sorprendente hecho de que apenas hay comparaciones de tema marino en los seis primeros libros<sup>4</sup>, aquellos que por la naturaleza de su argumento están más ambientados en escenarios marinos, y sin embargo las comparaciones de tema náutico son recurrentes en la segunda mitad del poema. No parece casual esa distribución; se diría que el poeta no desea sustraer al lector de la presencia del mar, ni aunque las acciones transcurran en tierra firme. Esas comparaciones se emplean en dos ocasiones en el 1. VII (528-529<sup>5</sup>; 586-590<sup>6</sup>), una en el 1. VIII (588-590<sup>7</sup>), otra en el 1. IX (710-715<sup>8</sup>), tres en el 1. X (357-359<sup>9</sup>; 693-696<sup>10</sup>; 763-765<sup>11</sup>), una más en el 1. XI (624-628<sup>12</sup>) y, por fin, dos más en el 1. XII (365-366<sup>13</sup>; 451-455<sup>14</sup>).

<sup>4</sup> Valga como excepción 5.594-595: *delphinum similes qui per maria umida nando / Carpathium Libycumque secant.*

<sup>5</sup> *fluctus uti primo coepit cum albescere uento, / paulatim sese tollit mare et altius undas / erigit.*

<sup>6</sup> *ille uelut pelago rupes immota resistit, / ut pelagi rupes magno ueniente fragore / quae sese multis circum latrantibus undis / mole tenet; scopuli nequiquam et spumea circum / saxa fremunt laterique inlisa refunditur alga.*

<sup>7</sup> *qualis ubi Oceani perfusus Lucifer unda, / quem Venus ante alios astrorum diligit ignis...*

<sup>8</sup> *talis in Euboico Baiarum litore quondam / saxea pila cadit, magnis quam molibus ante / constructam ponto iaciunt, sic illa ruinam / prona trahit penitusque uadis inlisa recumbit; / miscent se maria et nigrae attolluntur harenae...*

<sup>9</sup> *magno discordes aethere uenti / proelia ceu tollunt animis et uiribus aequis; / non ipsi inter se, non nubila, non mare cedit; / anceps pugna diu, stant obnixa omnia contra...*

<sup>10</sup> *ille (uelut rupes uastum quae prodit in aequor, / obuia uentorum funis expostaque ponto, / uim cunctam atque minas perfert caelique marisque / ipsa immota manens)...*

<sup>11</sup> *quam magnus Orion, / cum pedes incedit medii per maxima Nerei / stagna uiam scindens, uero supereminet undas...*

<sup>12</sup> *qualis ubi alterno procurrrens gurgite pontus / nunc ruit ad terram scopulosque superiacit unda / spumeus extremamque sinu perfundit harenam, / nunc rapidus retro atque sestu reuoluta resorbens / saxa fugit litusque uado labente relinquit.*

<sup>13</sup> *ac uelut Edoni Boreae cum spiritus alto / insonat / Aegaeo sequiturque ad litora fluctus...*

<sup>14</sup> *qualis ubi ad terras abrupto sidere nimbus / it mare per medium (miseris, heu, praescia longe / horrescunt corda agricolis: dabit ille ruinas / arboribus stragemque satis, ruet omnia late), / ante uolant sonitumque ferunt ad litora uenti.*

5. Mas, sin duda, lo que más ha llamado la atención de cuantos se han acercado al poema de Virgilio ha sido la variedad léxica con que el poeta designa al mar y la adjetivación que acompaña a esa variedad léxica<sup>15</sup>.

### 5.1. *Mare*<sup>16</sup>

Naturalmente, el sustantivo común es el neutro *mare*, *-is*, que aparece en 59 ocasiones a lo largo del todo el poema, pero preferentemente en los libros de ambiente marineró: así, en el libro I se usa en 10 ocasiones, ninguna en el II, 8 en el III, ninguna en el IV, 14 en el V, 4 en el VI, 7 en el VII, 2 en el VIII, 4 en el IX, 8 el X, ninguna en el XI y 2 en el XII. De esas ocurrencias, son 44 en singular y 15 en plural; en 13 ocasiones se enfrenta a otros sustantivos como *caelum* y/o *terra* (cf., v. gr., 1. 58: *ni faciat, maria ac terras caelumque profundum / quippe ferant rapidi secum uerrantque per auras*; también 1.280, 598; 3.528; 5.9, 790, 802; 7.301; 9.492; 10.57, 162, 695; 12.197)<sup>17</sup>; con frecuencia, como cabe esperar, va acompañado de algún adjetivo (*omne, summum, ueliuolum, proruptum, placatum, medium, remensum, pronom, umidum, magnum, asperum, altum* y *altius, tumidum, inuium, inoffensum* y en algunas ocasiones él es complemento de otro sustantivo, de un adjetivo sustantivado o de un adverbio (*aequor, tantum, facies, domitor, numen, obice*); por fin, en otras más está construido con el nombre propio de algún mar en concreto (v. gr. 5.52: *Argolico mari*). Además, es de notar que, cuando *mare* cumple función de sujeto o de objeto directo lo hace con verbos como *ire, rubescere, tollere (sese), miscere (se), adlabere, cedere*, en el primero de los casos, y como *uertere, desplicere, tenere, fatigare, ueheri* -1. 524: *uecti omnia maria*, en un uso a la griega-, *dare, uoluere, ferire, petere, miscere, intrare, ferre, iurare* -de nuevo en un uso a la griega-, *mittere, exurere, sulcare*, en el segundo. Por fin, en otras ocasiones el sustantivo reviste la forma de un dativo condicionado por el preverbo verbal, tal como ocurre en 1. 84 (*incubuere mari*), o se construye con diversas preposiciones de acusativo como en 5.175, 808; 7.802 (*in mare*), en 3.695 (*subter mare*) o en 5.594, 628 (*per mare*).

Muchos de esos sustantivos, adjetivos o verbos resultan esperables (*omne, summum, medium, magnum, tantum, altum, placatum, asperum, tumidum, inuium, domitor* o *numen* -aplicado a Neptuno-, *aequor*, incluso *facies*, y, entre los verbos, *despicere, intrare, sulcare...*), otros parecen tautológicos (*umidum*), pero otros son, digámoslo así, pintorescos o sencillamente inesperados, por lo que están fuertemente cargados de fuerza connotativa, como ocurre con *ueliuolum* o como ocurre cuando *mare* aparece en función de sujeto o de objeto directo con los verbos

---

<sup>15</sup> Contamos con una reciente y completísima visión de conjunto sobre esta cuestión: Luque Moreno 2011. Vide también De Meo 1986: 248-271.

<sup>16</sup> Vide Luque 2011: 29-79.

<sup>17</sup> Vide Castresana 1982: 245-258.

*rubescere, miscere, fatigare, iurare, exurere, etc.*

Virgilio, a partir de usos -digámoslo así- normales, como *altum mare* (vide, v. gr., 7.200: *qualia multa mari nautae patiuntur* in alto; 10.197: *ille / instat aquae saxumque undis immane minatur / arduus, et longa sulcat maria alta carina*) o como *aequor maris* (3.495: *nullum maris aequor arandum, donde el efecto expresivo se produce con la insólita juntura de arare con aequor maris, no del sustantivo aequor con maris*), despliega otros mecanismos de designación extraordinariamente productivos y sobre los que, a su vez, desarrollará otros, explorando de ese modo las infinitas posibilidades del lenguaje y llevando la expresión poética a límites absolutamente insospechados. Así, en 7.528-530 (*fluctus uti primo coepit cum albescere uento, / paulatim sese tollit mare et altius undas erigit, / inde imo consurgit ad aethera fundo*), el adjetivo *altum* aparece en grado comparativo y ya no con el significado de ‘profundo’, como suele ocurrir, sino de ‘alto’, pues se refiere a la condición del mar encrespado por la tempestad.

### 5.2. *Altum / profundum*<sup>18</sup>

Tras el sustantivo *mare* y a partir de usos como los acabados de mostrar, Virgilio designa al mar tan solo con un adjetivo sustantivado, preferentemente *altum*, pero también en una ocasión *profundum* (12.263-264: *petet tulle fugam penitusque profundo / uela dabit*). *Altum* aparece sustantivado en veinte ocasiones, quince de ellas en singular y cinco en plural, haciendo la salvedad de que, en 12.365-366, en el sintagma *alto Aegaeo* es difícil definir cuál de las dos palabras es el sustantivo y cuál el adjetivo. Así, resulta llamativo, por lo demás, el hecho de que ese adjetivo sustantivado puede complementarse, en ocasiones, o bien con otros adjetivos (además del ejemplo posible recién recordado, vid. 2.203: *ecce autem gemini a Tenedo tranquilla per alta / (horresco referens) immensis orbibus angues / incumbunt pelago pariterque ad litora tendunt*), o bien con complementos nominales (como es el caso de *alta pelagi* en 9.81: *tempore quo primum Phrygia formabat in Ida / Aeneas classem et pelagi petere alta parabat, / ipsa deum fertur genetrix Berecynthia magnum / uocibus his adfata Iouem*).

En estos casos, los verbos utilizados son esperables (*iactare, uela dare, prospicere, ferre, ire, tenere, uocare, petere, etc.*), como si se quisiera evitar al lector una doble pirueta estilística. Por fin, resulta significativo que la posición métrica preferida para *altum* (*alto, alta*) sea el pie final del hexámetro, pues ahí aparece nada menos que en dieciséis de las veinte ocurrencias.

Conviene advertir que Virgilio no siempre recurre al procedimiento de sustantivar un adjetivo con el fin de dar toda la variedad posible a su expresión; así, por ejemplo, otro adjetivo del mismo campo semántico que *altum* y *profundum*, como es el caso de *imum*, es utilizado en las tres ocasiones en que

<sup>18</sup> Vide Luque 2011: 280-292 y 300-312.



aparece en contextos referidos al mar, en su condición adjetiva; así, en 3.421 con *gurgite* (*atque imo barathri ter gurgite uastos / sorbet in abruptum fluctu*), en 7.530 con *fundo* (*inde imo consurgit ad aethera fundo*) y en 9.119-120 con *aequora* (*delphinumque modo demersis aequora rostris / ima petunt*).

### 5.3. *Aequor / aequum*<sup>19</sup>

En llamativo contraste con la designación del mar apelando a su profundidad, Virgilio se refiere a él en nada menos que setenta y cuatro ocasiones con la palabra *aequor* ('la llanura'), subrayando su condición plana cuando se encuentra en calma, sin que el uso singular/plural se decante de manera clara por una u otra posibilidad pues se contabilizan treinta y cuatro ocurrencias en singular frente a cuarenta en plural.

En cuanto a usos sintagmáticos llamativos de este sustantivo, merece la pena notar su construcción como regente del sustantivo *mare*, según se lee en 2.780 (*longa tibi exsilia et uastum maris aequor arandum*) y en 3.495 (*nullum maris aequor arandum*), sintagma a partir del que fácilmente se desarrolla el empleo de *aequor* simplemente como sinónimo de *mare*. También, su aparición en próxima compañía de los sustantivos *mare*, *fluctus*, *gurges*<sup>20</sup> u otros del mismo campo semántico para evitar la confusión que le podría producir al lector la metafórica polisemia de esta voz; ejemplos como 3.196-197 (*continuo uenti uolunt mare magna surgunt / aequora, dispersi iactamur gurgite uasto*), 3.289-290 (*linquere tum portus iubeo et considerare transtris; / certatim socii feriunt mare et aequora uerrunt*), 3.662-665 (*postquam altos tetigit fluctus et ad aequora uenit, / luminis effossi fluidum lauit inde cruorem / dentibus infrendens gemitu, graditurque per aequor / iam medium, necdum fluctus latera ardua tinxit*) bastan y sobran, aunque podrían aducirse otros más (como 4.581-583, 5.140-143, 5.819-821 o 8.671-677).

Al igual que ocurre con el sustantivo *mare*, también *aequor* puede aparecer (si bien, esto solo ocurre en una ocasión) acompañando a un adjetivo procedente de un nombre propio (vide 1. 67: *Tyrrhenum nauigat aequor*).

Llama la atención el elevado número de verbos, de muy diferentes campos semánticos, a los que *aequor* sirve como sujeto o como objeto directo. Para la primera de las circunstancias, merece la pena señalarse el uso de *aequor* como sujeto de un verbo de acción como es *ferre* (5. 843: *ferunt ipsa aequora classem*); otros se indican más abajo. Para la segunda, cabe decir que algunos de los verbos resultan esperables, como es el caso de *petere* o *prospicere*; sin embargo, poseen gran carga estilística otros con los que la llanura del mar se trata como si fuera la de la tierra, como sucede con *arare* (2.780, 3.495), *dehiscere* (5.143), *euertere*

<sup>19</sup> Vide Luque 2011: 109-118.

<sup>20</sup> Para su uso como determinante de *sal*, Vide infra 4.13.

(1.43), *permetiri* (3.157). Aún más pregnantas resultan las construcciones con *placare* (1.142), *silere* (1.164) y *temperare* (1.146) –que parecen tener sintagmas contrapuestos en los que *aequor* es sujeto del verbo *quiescere* (4.524, 7.7)–, con *lustrare* (3.378, 385) y *uertere* (3.290, V 778, 8.674), con *sternere* (5.763; pues en 8.89 no se refiere a la llanura del mar) –cuyo opuesto sería la construcción *aequora surgunt* (8.197), con *ciere* (2.419), *latere* (4.582), *premere* (10.103), *ruere* (8.690), *secare* (5.219, 10.166), *spumare* (8.690) o *temptare* (2.176). Particularmente osadas parecen ya otras construcciones como las que se formulan con *adlabi* (10.269: *donec uersas ad litora puppis / respiciunt totumque adlabi classibus aequor*), o con *misceri* (4.411: *totumque uideres / misceri ante oculos tantis clamoribus aequor*), o con *conscendere* (1.381: *bis denis Phrygium conscendi nauibus aequor*), construcción muy llamativa en este caso, tratándose de una llanura, y de la que se diría que juega con la semántica de *altum*.

No faltan tampoco construcciones en las que *aequor* es objeto directo de verbos generalmente usados como intransitivos, tal como ocurre con *certare* (3.668: *uertimus et proni certantibus aequora remis*), o en las que se utiliza ‘a la griega’ como acusativo interno de verbos como *nauigare* –de la que parece una variante la construcción con *currere* (3.191: *uela damus uastumque caua trabe currimus aequor*; 5.235: *di, quibus imperium est pelagi, quorum aequora curro*)–, según ocurre precisamente en un pasaje (1.67) evocado poco más arriba. Ya Servio (1.67, 25) anota: NAVIGAT AEQVOR *figura Graeca est; nos enim dicimus per aequor navigat. similiter etiam alio loco “terram, mare, sidera iuro”, cum latinitas exigat, ut addatur praepositio per.*

Nota aparte merece la variopinta adjetivación virgiliana a este sustantivo; algunos adjetivos son bien esperables como ocurre con *inmensum*, *magnum*, *placidum*, *undosum* o *uastum*; otros, como *diuersum*, *hospitum*, *laeuum*, *saeuum* o *tutum*, quizás no lo sean tanto; otros, tales como *uentosum*, *conuulsus*, *reuolutum*, *summus* (que parece contraponerse a *altum* o *imum*, de los que se dice luego), difícilmente podrían aplicarse a la llanura de tierra firme, y, aún menos, *tumidum*, cuyo uso en 1.142 (*sic ait et, dicto citius, tumida aequora placat*) o en 5.819-821 (*caeruleo per summa leuis uolat aequora curru; / subsidunt undae tumidumque sub axe tonanti / sternitur aequor aquis, fugiunt uasto aethere nimbi*) parece preparar al lector para denominaciones como *aestus* (vide 3.396-398: *has autem terras Italique hanc litoris oram, / proxima quae nostri perfunditur aequoris aestu, / effuge*; o bien, 8.674: *aequora uerrebant caudis aestumque secabant*); algunos más, de ninguna manera se podrían aplicar a las llanuras de tierra firme, como *altum* (6.5-7: *At pius exsequiis Aeneas rite solutis, / aggere composito tumuli, postquam alta quierunt / aequora, tendit iter uelis portumque relinquit*) o *imum* (9.119-120: *delphinumque modo demersis aequora rostris / ima petunt*). Pero quizás el adjetivo más llamativo de los que se aplican a *aequor* sea *marmoreum*, si bien es justo señalar que otros poetas antes de Virgilio ya lo utilizaron con ese mismo valor. Así, en 6.728-729

se lee *Inde hominum pecudumque genus uitaeque uolantum / et quae marmoreo fert monstra sub aequore pontus*, con que se anticipa el muy osado *lentus marmor*, que se leerá poco después, en 7.28 (vide infra 4.15).

La ambigüedad calculada del poeta, por fin, llega a tal punto que en alguna ocasión es imposible decidir si *aequor* se refiere a una llanura terrestre o a la llanura de las aguas en calma; esa formidable ilusión semántica se logra en 8.94-96, donde Eneas remonta el curso de un Tíber desbordado sobre la llanura del Lacio:

*olli remigio noctemque diemque fatigant  
et longos superant flexus, uariisque teguntur  
arboribus, uiridisque secant placido aequore siluas.*

En cuanto a las colocaciones métricas preferidas por Virgilio para las distintas formas de esta palabra, es preciso indicar que *aequoris*, *aequore* y *aequora* ocupan el quinto pie del hexámetro nada menos que en cuarenta y tres ocasiones, mientras que suministran tan solo en nueve el primer pie; notable resulta también que el nominativo/acusativo *aequor* se coloca en dieciséis ocasiones en el sexto pie.

Finalmente, conviene subrayar que también de *aequor*, y más concretamente del adjetivo *aequus*, *-a*, *-um*, ha extraído Virgilio un nuevo sustantivo, sinónimo de *mare*, insólito pero esperable de su fecundísimo arte creativo, a saber, *aequum*. Así en 9.67-68 se lee:

*qua temptet ratione aditus, et quae uia clausos  
excutiat Teucros uallo atque effundat in aequum?*

#### 5.4. *Pontus*<sup>21</sup>

Otro sinónimo de *mare*, frecuentemente usado por Virgilio (concretamente, en veinticinco ocasiones) es el helenismo *pontus*, *-i*, cuya semántica incide en la condición del mar no como espacio de separación entre diversas tierras, sino precisamente como vía de unión entre ellas (gr. πόντος ‘el puente’). En este caso, se utiliza tan solo en singular y proporciona en dieciocho ocasiones el sexto pie del hexámetro.

También *pontus* se construye con nombres de lugar, pero frente a *mare* y *aequor* que rigen a sendos adjetivos, en este caso la construcción se formula rigiendo a un nombre propio en genitivo (vid. 1.556: *pontus Lybiae*).

En cuanto a sus usos sintagmáticos, cabe decir que *pontus* se vincula a verbos similares a los ya vistos para *aequor*, creando por lo general junturas poco llamativas semánticamente (*ponto*, como dativo preverbal: *dissicere*, *immergere*,

---

<sup>21</sup> Vide Luque 2011: 235-241.

*incubare, opponere, submergere*; o en construcción de ablativo absoluto: *pererrare*), que no siempre se corresponden con otras ya vistas en casos anteriores (*pontus*, como sujeto: *apparere, claudere, ferire, ferre, habere, intremuere, misceri, premere, splendere, uenire*; *pontum*, como objeto directo: *legere, secare*). Además, *pontus*, a diferencia de otros sinónimos, aparece escasamente adjetivado y, cuando lo está, los adjetivos que le acompañan no son tampoco demasiado significativos semánticamente (*ingens, totus, uastus*), salvo en algún caso como en 9.103, donde se construye con el adjetivo *spumantem* (*mortalem eripiam formam magnique iubebo / aequoris esse deas, qualis Nereia Doto / et Galatea secant spumantem pectore pontum*).

### 5.5. *Pelagus*<sup>22</sup>

Un nuevo sinónimo de mare es *pelagus* (neutro del gr. πέλαγος), donde a la semántica no matizada del sustantivo común se añade el sema de ‘mar abierto’, que se subraya en 5.212 con el adjetivo *apertus* (*pelago decurrit aperto*). Virgilio se sirve de este sustantivo nada menos que en cuarenta y tres ocasiones, casi siempre en los casos oblicuos del singular (*pelagi/pelago*; tan solo una vez en acusativo, vid. 5.8-11: *Vt pelagus tenere rates nec iam amplius ulla / occurrit tellus -maria undique et undique caelum-, olli caeruleus supra caput astitit imber / noctem hiememque ferens, et inhorruit unda tenebris*) y, dada la estructura prosódica de la palabra (*pēlāgus*), en interior de verso. A diferencia de otros sinónimos, nunca aparece acompañado de nombre propio (o adjetivo derivado) de lugar.

*Pelagus* complementa verbos de semántica esperable (*adire, incumbere, uolare, errare, praeterlabare, prouehere, agere, tenere, etc.*) y suele aparecer escasamente adjetivado (*remensum, apertum, serenum, languente*); sin embargo, es frecuente su uso como complemento de sustantivos o adjetivos sustantivados (*imperium, fragor, uolucris, gemitum, tempestatibus, undas, laborem, periclis, minas, erroribus, rupes, extrema, alta, deae, nymphae, recursus*).

### 5.6. *Gurges*<sup>23</sup>

Un nuevo sinónimo de gran carga semántica es *gurges* (‘la garganta’), con que se subraya el carácter letífero del mar y sus remolinos. Virgilio se sirve de este sustantivo de manera no ocasional pues se registran en el poema hasta doce ocurrencias referidas al mar y otras referidas a las corrientes de diversos ríos (vide 6.296-298: *Hinc uia Tartarei quae fert Acherontis ad undas. / turbidus hic caeno uastaque uoragine gurges / aestuat atque omnem Cocyto eructat harenam*; 9.816-818: *ille suo cum gurgite flauo / accepit uenientem ac mollibus extulit undis / et laetum sociis abluta caede remisit*), además de otras no referidas a corrientes de agua

<sup>22</sup> Vide Luque 2011: 219-234.

<sup>23</sup> Vide Luque 2011: 461-464.

(vide, v. gr., 7.703-705: *nec quisquam aeratas acies examine tanto / misceri putet, aeriam sed gurgite ab alto / urgeri uolucrum raucarum ad litora nubem*), siempre en singular, nunca acompañado de nombre propio de lugar ni de adjetivo derivado y normalmente proporcionando el quinto pie del hexámetro (once ocasiones). Los escasos adjetivos que acompañan a este nombre son estilísticamente poco relevantes (*uastus, curuatus*). Véanse, a modo de ejemplo, dos pasajes, 1.118-119:

*Apparent rari nantes in gurgite uasto,  
arma uirum tabulaeque, et Troia gaza per undas.*

Y 3.420-425, donde el sustantivo *gurges* es, además, complementado por el adjetivo *imo* y por el complemento del nombre *barathri*, insistiendo con fuerza en el terrible aspecto de Caribdis:

*Dextrum Scylla latus, laeuum implacata Charybdis  
obsidet atque imo barathri ter gurgite uastos  
sorbet in abruptum fluctus rursusque sub auras  
erigit alternos, et sidera uerberat unda.  
At Scyllam caecis cohibet spelunca latebris  
ora exsertantem et nauis in saxa trahentem.*

### 5.7. *Unda*<sup>24</sup> / *fluctus*<sup>25</sup>

Dos sustantivos utilizados para designar comúnmente los efectos en la superficie de las aguas en movimiento (respectivamente ‘la ola’ y ‘el oleaje’), son también utilizados por metonimia o sinécdoque con mucha frecuencia –mas no siempre– por Virgilio para referirse al mar. En efecto, en ocasiones *unda* y *fluctus* se refieren simplemente a olas y oleaje de ríos (por ejemplo, 1.100-101: *ubi tot Simois correpta sub undis / scuta uirum galeasque et fortia corpora uoluit!*; también 1.618; 3.302, 389; 9.817, etc.), lagos, estanques o fuentes (por ejemplo, 3.214-215: *nec saeuior ulla pestis et ira deum Stygiis sese extulit undis*; 694-696: *Alpheum fama est huc Elidis amnem / occultas egisse uias subter mare, qui nunc / ore, Arethusa, tuo Siculis confunditur undis*; también 6.229, 295, 9.604, etc.), o incluso del mar, pero no necesariamente al mar en su conjunto. Sin embargo, hay casos en que cabría interpretar esos sustantivos como sinónimos de mar (1.65-66: *namque tibi diuum pater atque hominum rex / et mulcere dedit fluctus et tollere uento*; 103: *fluctusque ad sidera tollit*; 118-119: *apparent rari nantes in gurgite uasto, / arma uirum tabulaeque et Troia gaza per undas*; también 1.109, 127, 129, 147, etc.) y otros

<sup>24</sup> Vide Luque 2011: 89-105.

<sup>25</sup> Vide Dyson 1997: 449-457, donde se establecen paralelos expresivos con Lucrecio. Vide también Luque 2011:139-161.

- generalmente en singular- en que, sin duda, se refieren de manera clara al mar (3.194-195: *tum mihi caeruleus supra caput astitit imber / noctem hiememque ferens, et inhorruit unda tenebris*; 270: *iam medio apparet fluctu nemorosa Zacynthos*; 533: *portus ab euroo fluctu curuatus in arcum*; 554: *tum procul e fluctu Trinacria cernitur Aetna*; también 3.605, 662, etc.). La sinécdoque resulta particularmente intensa y atrevida en 7.228-230:

*diluuió ex illo tot uasta per aequora uecti  
dis sedem exiguam patriis litusque rogamus  
innocuum et cunctis undamque auramque patentem.*

*Vnda* (no así *fluctus*) puede aparecer, como otros sinónimos de *mare*, también en asociación con adjetivos derivados de topónimos, como ocurre, por ejemplo, en 1.596 (*Libycis ereptus ab undis*), 3.384 (*ante et Trinacria lentandus remus in unda*), 5.789 (de nuevo *Lybicis undis*) o bien 11.405 (*amnis et Hadriacas retro fugit Aufidus undas*).

Además, es pertinente subrayar la adjetivación, sin duda sorprendente, de *unda* con *spumosa* y con *spumea*, tal como se lee respectivamente en 6.174 (*inter saxa uirum spumosa immerserat unda*) y en 10.212 (*spumea semifero sub pectore murmurat unda*). Nada extraño, pues, que en otros lugares se emplee el sustantivo *spuma* como sinónimo de *mare* (vide infra 4.12).

Por fin, merece la pena notar que, frente a la muy variable disposición de *fluctus* y sus respectivas formas casuales en el hexámetro, *unda* y sus variantes casuales suele aparecer conformando el sexto pie, pues de las setenta y nueve ocasiones en que se lee, se coloca en ese lugar nada menos que en sesenta.

### 5.8. *Vadum*<sup>26</sup> / *fretum*<sup>27</sup>

Del mismo modo, Virgilio utiliza otros sustantivos para designar al mar, más allá de sus sentidos originales con que son utilizados en otras ocasiones. Así ocurre con *uadum* ('el paso', 'el mar poco profundo', 'los bajos'), que en 5 158 (*et longa sulcant uada salsa carina*) o en 7.197-198 (*quae causa rates aut cuius egentis / litus ad Ausonium tot per uada caerulea uexit?*), acompañado de adjetivos adecuados (*salsa, caerulea*), es otro sinónimo de mar; o que en 5.615-616 (*heu tot uada fessis / et tantum superesse maris!*) se opone precisamente a *mare* en una hendíadis más que probable.

Y también ocurre que *uadum*, en plural y en su acepción original de 'lugar por el que se puede caminar' y, de ahí, 'lugar de aguas poco profundas', es adjetivado en alguna ocasión por Virgilio con *breuis*, subrayando la condición muy escasa

<sup>26</sup> Vide Luque 2011: 359-372.

<sup>27</sup> Vide Luque 2011: 165-190.

del nivel del agua; así, en 5.221-222 (*breuibusque uadis frustraue uocantem / auxilia*); pues bien, a partir de esa construcción, se sirve de ese mismo adjetivo plural ya sustantivado en otros lugares, como por ejemplo en 1.110-111 (*tris Euris ab alto / in breuia et Syrtis urget*) o 10.288-290 (*multi seruare recursos / languentis pelagi et breuibus se credere saltu, / per remos alii*). Sin duda, este uso tiene mucho que ver con el griego βραχέα, según explica Servio (*ad* 1.111).

De manera paralela sucede con *fretum* ('el estrecho', metonímicamente, 'el mar entre tierras'; siempre en plural), que en lugares como 1.607 (*in freta dum fluuii current*), 3.127 (*et crebris legimus freta concita terris*), 5.141 (*adductis spumant freta uersa lacertis*) y como 5.627-628 (*cum freta, cum terras omnis, tot inhospita saxa / sideraque emensae ferimur*), 10.147 (*media Aeneas freta nocte secabat*) o 10.210 (*hunc uehit immanis Triton et caerulea concha / exterrens freta*, en este caso otra vez acompañado del adjetivo *caerulea*), es un nuevo sinónimo de mar.

### 5.9. *Aestus*<sup>28</sup>

Quizás más sorprendente sea el uso metafórico por *mare* del sustantivo *aestus*, de semántica imprecisa pues designa tanto el movimiento de las llamas como el permanente movimiento de la superficie del mar, al igual que el brillo y el calor (real o aparente, pues en el caso del mar, su movimiento y la espuma consecuente se podrían asimilar al del agua en ebullición) de esos elementos. Por supuesto, no siempre aparece en la *Eneida* con este uso metafórico pues Virgilio lo emplea también con la acepción de 'calor intenso', propio de las llamas (véase, por ejemplo, 2.706, 759) o propio de la estación veraniega (véase, por ejemplo, 7.495), lo que le hace sinónimo de *aestas*, con quien está en relación etimológica, incluso en la acepción, nuevamente metafórica, de los tormentos del alma, como ocurre en 4.532, 564, 8.19 o 12.486, conformando en casi todos esos casos la cláusula *fluctuat aestu* (IV 564: *conciat aestus*).

Mas Virgilio extiende el campo semántico del sustantivo en expresiones como 1.106-107 (*hi summo in fluctu pendent; his unda debiscens / terram inter fluctus aperit, furit aestus harenis*) o como en 3.396-398 (*has autem terras Italique hanc litoris oram, / proxima quae nostri perfunditur aequoris aestu, / effuge*), donde *aestus* ('el mar en movimiento' –por efecto de la marea o del viento, no necesariamente perjudicial- e incluso 'embravecido') resulta ser la antítesis de *aequor* ('el mar en calma'). Otros ejemplos similares pueden leerse en 3.557 (*exsultantque uada atque aestu miscentur harenae*), 8.673-674 (*et circum argento clari delphines in orbem / aequora uerrebant caudis aestumque secabant*), 10.290-293 (*speculatus litora Tarchon, / qua uada non sperat nec fracta remurmurat unda, / sed mare inoffensum crescenti adlabitur aestu, / aduertit subito proras sociosque precatur*), 687 (*labitur alta secans fluctuque aestuque secundo*) o 11.627-628 (*nunc rapidus retro atque aestu*

<sup>28</sup> Vide Luque 2011: 123-137.

“oração” identificam-no claramente como fonte de vida, de segurança no mar, de liberdade e de prosperidade. Sendo os marinheiros de origem Oriental, de Alexandria, onde o culto ao imperador era aceitável, o episódio torna-se verossímil. De resto, Augusto aceitara a criação de templos no Oriente a si próprio desde que associado à Roma divina. Com Calígula, a divinização terá dado um passo em frente.

Em suma, tal como os outros jogos em que frequentemente se inserem, os jogos de água têm objetivos políticos, sociais e religiosos, pelo espetáculo e criatividade que proporcionam. Simbolizam também a história numa perspectiva idealizada ou conveniente. São metáfora e da missão civilizadora de Roma e do universalismo da Urbe. Representam a busca visível da *pax deorum*, garantida pelo imperador. E, socialmente, são mais uma solução catártica para medos conscientes e inconscientes e punição pública de crimes, pelo que contribuem para assegurar a paz social. O domínio da água é a posse de um elemento vital, fonte de segurança para os homens, caminho para a paz, redução do medo dos cidadãos (em relação à pirataria, por exemplo), meio eficaz e propaganda.

## BIBLIOGRAFIA

- Allen, W. (1962), “Nero’s eccentricities before the fire”, *Numen* 9: 99-109.
- Antonelli, G. (2001), *Caligola. Imperatore folle o principe inadeguato al ruolo assegnatogli dalla sorte?* Roma, Newton & Compton.
- Auguet, R. (1972), *Cruelty and Civilization: the Roman Games*. London, George Allen and Unwin Ltd.
- Bartsch, S. (1994), *Actors in the Audience. Theatricality and Doublespeak from Nero to Hadrian*. Cambridge (Mass.), Harvard University Press.
- Benario, H. W. (1975), “Augustus princeps”, *ANRW* II. 2: 75-85.
- Bradley K. R. (1978), *Suetonius’ Life of Nero. An Historical Commentary*. Bruxelles, Latomus.
- Brandão, J. L. (2011), *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*. Coimbra, CECH.
- Brian Rose, Ch (2005), “The Parthians in Augustan Rome”, *AJA* 109: 21-75.
- Ceaurescu, P. (1973), “Caligula et le legs d’Auguste”, *Historia* 22: 269-283.
- Clavel-Lévêque, M. (1986), “L’espace des jeux dans le monde romain: hégémonie, symbolique et pratique sociale”, *ANRW* II.16.3: 2405-2563.

---

do Império à obra de Augusto e à estabilidade do seu governo.



- Coleman, K. M (1990), “Fatal Charades: Roman Executions Staged as Mythological Enactments”, *JRS* 80: 44-73.
- Coleman, K. M (1993), “Launching into History: Aquatic Displays in the Early Empire”, *JRS* 83: 48-74.
- Delage, S. (2012), “Les passages relatifs à Ofonius Tigellinus dans les *Annales* de Tacite”, *Neronia Electronica* fasc. 2: 20-29.
- Dupont, F. (1985), *L'acteur-roi ou le théâtre dans la Rome antique*. Paris, Les Belles Lettres.
- Dupont, F. et Éloi, T. (2001), *L' érotisme masculin dans la Rome antique*. Paris, Belin.
- Futrell, Alison (2006), *The Roman Games. Historical Sources in Translation*. Oxford, Blackwell.
- Gillis, J. (1974), “Caligula. De Suétone à Camus”, *LEC* 42: 393-403.
- Goldsworthy, A. (2014), *Augustus. From revolutionary to Emperor*. London, Weidenfeld & Nicolson.
- Guhl, E. & Koner, W (1994), *The Romans. Their Life and Customs*. London, Senate.
- Guillén, José (2002), *Vrbs Roma. Vida y costumbres de los romanos II. La vida pública*. Salamanca, Sígueme.
- Hammer, D. (2010), “Roman Spectacle Entertainments and the Technology of Reality”, *Arethusa* 43: 63-86.
- Higgins, J. M. 1985, “*Cena rosaria, cena mitellita*. A note on Suetonius *Nero* 27,3”, *AJPH* 106: 116-118.
- Kyle, D. G. (1998), *Spectacles of Death in Ancient Rome*. London/New York, Routledge
- Leon, H. J. (1939), “*Morituri Te Salutamus*”, *TAPhA* 70: 46-50.
- Lucas, J. (1967), “Un empereur psychopathe. Contribution à la psychologie du Caligula de Suétone”, *AC* 36 : 159-189.
- Lugand, R. (1929), “Suétone et Caligula”, *REA* 31: 9-13.
- Martin, R. (1991), *Les douze Césars: du mythe à la réalité*. Paris, Les Belles Lettres.
- Néraudeau, J. P. (1988), “Sur un rituel archaïque d’expulsion redécouvert par Caligula” in Porte, D. & Néraudeau J. P. (eds), *Hommages à Henri le Bonniec. Res sacrae*. Bruxelles, Latomus, 324-341.
- Pelling, Ch. (2011), *Plutarch Caesar*. Translated with an introduction and commentary. Oxford, University Press.
- Pimentel, M. C. (2002), “Os jogos na Roma Antiga”, *Diana* 3-4: 99-149.
- Robinson O. F. (2007), *Penal Practice and Penal Policy in Ancient Rome*. London/ New York, Routledge.

- Rocca-Serra, G. (1974), “Une formule cultuelle chez Suétone (*Divus Augustus*, 98,2)”, *Mélanges de philosophie, de littérature et d’histoire ancienne offerts à P. Boyancé*. Rome, Palais Farnèse, 671-680.
- Rodrigues, N. S. (2012), “*Quae fuerat fabula, poena fuit*. Mitologia e Justiça na Arena Romana”, *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias* 30: 125-140.
- Strauss, W. A. (1951), “Albert Camus’ *Caligula*. Ancient sources and modern parallels”, *CompLit* 3: 160-173.
- Taylor, R. (1997), “Torrent or Trickle? The Aqua Alsietina, the Naumachia Augusti, and the Transtiberim”, *AJA* 101: 465-492.
- Veyne, P. (1983), “Le folklore à Rome et les droits de la conscience publique sur la conduite individuelle”, *Latomus* 42: 3-30.
- Wardle, D. (1994), *Suetonius’ Life of Caligula. A Commentary*. Bruxelles, Latomus.

**A ÁGUA NA CIDADE ROMANA: PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO.  
O CASO DE *BRACARA AVGVSTA*.  
(Water in the Roman city: research prospects.  
The case study of *Bracara Augusta*)**

RUI MORAIS (rmorais@letras.up.pt)  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
Universidade do Porto  
orcid.org/0000-0002-5052-7164

LÁZARO GABRIEL LAGÓSTENA BARRIOS (lazarolagostena@uca.es)  
Universidad de Cádiz  
orcid.org/0000-0002-0765-8003

RESUMO - O tema do uso da água numa cidade romana é extremamente complexo, não só pelas diferentes perspetivas de abordagem, mas também pela escassez de dados disponíveis. Como tentativa resposta a esta problemática optámos por dividir o tema em duas partes, uma primeira alusiva às diferentes perspetivas de investigação sobre o tema da água, e uma segunda dando como exemplo de estudo a cidade romana de *Bracara Augusta*.

PALAVRAS-CHAVE - Perspetivas de investigação; água; tecnologia hidráulica; *Bracara Augusta*.

ABSTRACT - The use of the water in a Roman city is an extremely complex topic of discussion, not only because there are different approaches to the subject, but also because there are very few available data. In an attempt to respond to this issue we have chosen to divide the topic into two parts: firstly we focus our attention on the different research perspectives concerning the theme of water, and secondly we use the Roman city of *Bracara Augusta* as a case study.

KEYWORDS - Different approaches; water; hydraulic technology; *Bracara Augusta*.

## **1. AS DIFERENTES PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO**

Nas cidades antigas a água foi um dos elementos estruturantes da manifestação urbana. O tema da água tem sido estudado nos últimos 50 anos e abordado a partir de diferentes perspetivas historiográficas. As últimas propostas da investigação defendem a perceção holística da água como um dos principais problemas históricos, ou, de forma complementar, a análise da interação entre as sociedades e os ecossistemas costeiros, entendendo como tal os espaços de contacto entre os ambientes aquáticos e os terrestres, particularmente sensíveis à ação antrópica. Mas para chegar a esta análise atual, exploraram-se várias

abordagens, todas de grande interesse para compreender a dimensão histórica da água na antiguidade romana.

Uma parte importante e pioneira da investigação sobre a água na Antiguidade baseou-se na análise das informações fornecidas pelas fontes literárias greco-latinas, em parte devido à incipiente prática arqueológica e à ausência de prospeções, aliadas ao predomínio de métodos de investigação baseados essencialmente na erudição e no individualismo intelectual.

A racionalização e a técnica, as normas e a gestão da água, eram sobretudo proporcionadas pelas fontes literárias e epigráficas. Para alimentar essas perspetivas foi importante a evolução da arqueologia como ciência, em particular os estudos sobre os espaços urbanos e dos centros de poder, e, em seguida, da análise dos espaços cívicos, da paisagem e da aculturação dos ambientes provinciais.

O interesse dos estudiosos pelos processos económicos na Antiguidade permitiu constatar o papel essencial da água em algumas das mais importantes atividades extrativas e de produção, em particular a da mineração e da metalurgia, bem como de algumas atividades agrícolas, de transformação e de manufatura (Leveau 1991: 149-162).

### 1.1. Perspetiva jurídico-legislativa

É uma das mais importantes dimensões na análise histórica do abastecimento de água nas cidades romanas. Um marco historiográfico a esse respeito é o trabalho de Capogrossi Colognesi (1966). As bases documentais da sua investigação foram essencialmente as disposições compiladas no *Digesto* e os testemunhos epigráficos latinos que naquela época se conheciam sobre a água. Nesta obra analisam-se aspetos importantes para a compreensão histórica dos fenómenos de abdução e canalização da água às cidades, tais como o *ius aquarum*, os pressupostos de *interdictio*, as obrigações que afetam a obtenção deste recurso, as canalizações que a transportavam, a condição jurídica das fontes de captação, e as características da água segundo os regimes hidrográficos dos mananciais. Os aspetos jurídicos e legislativos desta natureza afetaram, sem dúvida, a ampla casuística provincial sobre a recolha e o transporte de água, apesar da debilidade e da fragmentação das fontes escritas, que em muitos casos dificultam a análise de casos particulares (mas não impeditivos de um estudo sobre o abastecimento de água a uma determinada comunidade).

### 1.2. Perspetiva da História da Ciência

Os progressos no sentido da criação do pensamento racional na cultura latina afetam também as ideias preconcebidas que se tinham sobre a água (como elemento cosmogónico). As fontes literárias mostram diferentes perceções deste pensamento, desde Lucrécio, que refere a água como parte dos *mirabilia* da

natureza<sup>1</sup>, aos argumentos de Vitruvius, que no livro oitavo da sua obra dedicada à arquitetura, explica as diferentes propriedades da água segundo a sua origem<sup>2</sup>.

As propriedades da água foram um fator a ter em conta na escolha das nascentes, do seu aproveitamento, da sua captação, condução e utilização concreta, como se deduz também dos testemunhos de Frontino, sobre os quais voltaremos. A construção em diferentes ocasiões de aquedutos para a mesma cidade, provenientes de fontes diversas e canalizados para áreas funcionais distintas dentro da área *intra-muros*, ilustra-nos com frequência uma planificação preexistente do abastecimento. Também nos indica os diferentes usos a que se destinavam, por vezes associados ao abastecimento de propriedades particulares e de explorações agrícolas nas *villae*<sup>3</sup>.

### 1.3. Perspetiva da técnica e da administração

Afortunadamente conserva-se o tratado *De architectura* de Vitruvius e o tratado *De Aquaeductu Urbis Romae* de Frontino. Em ambas as obras, sem considerar outros elementos culturais, ideológicos e morais do pensamento destes autores, encontramos uma representação da perceção técnica e administrativa da água na literatura – e na mentalidade – latina alto-imperial.

Esta visão constitui de facto um dos elementos que mais impulsionou o interesse historiográfico pela tecnologia hidráulica romana e pela gestão dos recursos hídricos por parte do poder imperial (Ashby 1935). Projetadas para o estudo da casuística urbana provincial, estas obras proporcionam um espaço para a investigação local, pois o fenómeno da *cura aquorum* tanto se manifesta nas instâncias dos governos municipais, (especialmente através da epigrafia presente nas *fistulae* relacionadas com as canalizações públicas), como nos atos beneméritos que propiciam a canalização da água (desde o *caput aquae* ao *castellum aquae*) (Rodríguez Neila 1988: 223-252; González Roman 2010: 41-65).

### 1.4. Perspetiva da cidade e da ideologia

O papel da água na conceptualização e nas manifestações culturais da *civitas* constitui uma aproximação de grande interesse historiográfico. O simbolismo da água, suas invocações religiosas, seus usos rituais, tem sido objeto de investigação (Díez de Velasco 1992: 383-400; 1998), bem como as variadíssimas expressões da água como manifestações da vida quotidiana (Malissard 1994). Os estudos das formas artísticas e culturais que adotam no imaginário antigo a representação social da água supõem também uma via importante da investigação, praticável no contexto de ambientes urbanos do império e da sua cultura material, embora

---

<sup>1</sup> Lucr. 6. 827-895, em particular.

<sup>2</sup> Vitr. *Arch.* 8.3; cfr. Sen. *Nat.* 3.20.1; apud L. Lagóstena Barrios 2011: 75-92.

<sup>3</sup> Por exemplo em Col. *r.r.* 1.5.1-2.

necessitado de um referente histórico teórico que permita superar os particularismos que possam derivar de uma análise demasiado focalizada no objeto ou no testemunho.

### 1.5. Perspetiva da arqueologia

Não há dúvida que o desenvolvimento da investigação arqueológica permitiu o aumento de um enorme caudal informativo em relação ao conhecimento da água, seus usos e sua utilização pelas sociedades antigas. A arqueologia permitiu um avanço singular no conhecimento sobre a água e instalações hidráulicas de variadas tipologias e funcionalidades, e na perceção da evolução histórica das técnicas construtivas dos elementos relacionados com a cultura antiga da água. A arqueologia dedicou especialmente os seus esforços na análise dos espaços urbanos termais, ninfeus e balneários, todos no âmbito da arquitetura urbana ou áulica. Mas também em relação com os elementos hidráulicos nos ambientes produtivos: *lacus* e *cisternae* para usos agrícolas, para as atividades das *fullonicae*, como complemento aos espaços de transformação, em particular das *cetariae*, etc. Menos atenção, no entanto, parecem ter sido dadas ao estudo da perfuração e das técnicas de captação mediante poços de água subterrânea, uma parcela pouco conhecida da hidráulica romana.

### 1.6. Perspetiva da engenharia e dos elementos dos aquedutos

Da combinação do conhecimento técnico e administrativo, derivado das fontes literárias, e o desenvolvimento de arqueologia, alimenta-se uma das perspetivas de maior êxito, mas não necessariamente esgotada: a da engenharia hidráulica da Antiguidade. À parte a singularidade dos engenhos hidráulicos como moinhos e noras, dos quais poucos testemunhos literários e materiais se conservaram (Leveau 1996: 137-153), dedicaram-se numerosas investigações à análise das técnicas hidráulicas desenvolvidas pelos antigos engenheiros (Fernández Casado 1972 e 1983; Tölle-Kastenbein 1993). A complexidade alcançada nas práticas de captação e condução de água no mundo romano explica a variada casuística técnica que podemos encontrar na resolução de problemas derivados dos projetos de sistemas de condução: sistemas de captação e derivação, estabelecimento de múltiplos *caput aquarum*, mineração subterrânea, galerias hidráulicas e *specus*, sifões, regularização de encostas, *arcuationes*, mecanismos de decantação, *castellae divisoriae*, etc. É por isso necessário, desde uma perspetiva arqueológica e da análise das soluções técnicas, aprofundar o conhecimento sobre os variados sistemas de captação hídrica que as comunidades, com diferentes condições topográficas, orográficas, climáticas e geológicas, tiveram de desenvolver para dar respostas às necessidades de água no âmbito da cultura vigente.

### 1.7. Perspetiva analítica

Parcialmente relacionados com o tema anterior, os vestígios arquitetónicos das instalações hidráulicas oferecem com frequência depósitos fornecidos pelo fluxo de água e dos componentes que esta arrasta. Uma perspetiva analítica de grande interesse é o estudo dessas deposições, que fornecem informações dificilmente alcançáveis por outros meios próprios de investigação humanística: dados sobre as fontes hídricas e suas características; informação sobre as cronologias de uso das instalações; dados sobre as condições climáticas e ambientais do período na qual a instalação em questão esteve em funcionamento<sup>4</sup>.

### 1.8. Perspetiva do território, o recurso e sua apropriação

Frontino ilustra o processo histórico do paradigma de abastecimento hidráulico na Antiguidade: a cidade de Roma. Este abastecimento, através de uma dúzia de aquedutos no período do *curator aquarum*, demonstra uma faceta histórica do consumo hídrico na urbe que devia ter sido mais frequente do que se imagina: a apropriação das nascentes para assegurar as necessidades das populações privilegiadas, em detrimento das menos importantes (Lagóstena Barrios 2011: 80-82). A procura de nascentes apropriadas para garantir, mediante a sua condução, o abastecimento a uma comunidade tinha implicações territoriais que implicam não só a cidade abastecida mas também as populações das imediações (Leveau 2010: 1-20). Assim a casuística dos direitos da água e da sua propriedade, os direitos de acesso e da sua condução, acrescem às competências que cada comunidade cívica exerce sobre o seu *territorium*. No caso das províncias hispânicas, a diversidade de estatutos jurídicos das cidades, configuram um complexo panorama que afetavam as políticas de abastecimento – e apropriação – da água para as mais importantes urbes da região. Esta diversidade é também ilustrativa das diferentes situações históricas geradas segundo os modelos de abastecimento que as condições geográficas, jurídicas e territoriais impunham a cada espaço e comunidade.

### 1.9. Perspetiva a partir dos espaços ribeirinhos

Esta perspetiva é liderada, entre os especialistas que se dedicam ao estudo da antiguidade, por Ella Hermon. Esta investigadora propõe uma nova perspetiva de estudo relacionada com as questões e postulados próprios dos ecologistas, dos climatólogos e dos ambientalistas. A partir destes estudos, propõem-se a necessidade de uma abordagem holística relativamente às problemáticas históricas da água – em todas as suas dimensões – e uma visão a partir do foco da relação-interação de sociedades passadas com os respetivos meios ambientes.

---

<sup>4</sup> Para esta interessante linha de investigação, consulte-se o projeto de C. Passchier <http://www.romanaqueducts.info/>

Esta corrente focaliza a análise nos ecossistemas ribeirinhos, de contacto entre a faixa continental e aquática, pela sua especial vulnerabilidade e sensibilidade perante as ações antrópicas e a mudança natural. A história como banco de experiências perante as mudanças climáticas atuais, a relação do homem com o meio, a aprendizagem das lições da História, são questões postuladas a partir destas tendências sem renunciar ao método de investigação e do conhecimento histórico próprio dos investigadores da Antiguidade Clássica (Hermon 2008).

## **2. UM CASO PRÁTICO DE ESTUDO. A CIDADE ROMANA DE *BRACARA AUGUSTA***

Depois de uma breve apresentação sobre as diferentes perspetivas de investigação sobre o tema da água é do nosso interesse abordar a questão a partir de uma cidade romana. São, no entanto, várias as interrogações que os investigadores colocam quando pretendem abordar este tema. Como é que os habitantes de uma cidade romana se abasteciam de água? Que técnicas usaram para captar este elemento, como a consumiam? Para responder a estas questões, iremos dar como exemplo a cidade romana de *Bracara Augusta*, uma das cidades mais proeminentes do ocidente do Império Romano, apelidada por Ausónio, na sua *Ordenação das Cidades Famosas* (XIV), como *dives Bracara*.

### **2.1. Os antecedentes Proto-Históricos**

O sítio onde se implantou a cidade ocupa uma situação topográfica privilegiada, situada numa plataforma aplanada, com orientação SE/NO, correspondendo aproximadamente a cotas máximas absolutas que atingem os 195/199m, que serve de remate a uma sucessão de relevos secundários. Esta localização, associada às características hidrográficas da região é favorável à infiltração de água e à formação e alimentação de aquíferos e de nascentes naturais (Martins *et alii* 2012: 25-27), que beneficiam de uma ampla rede hidrográfica terciária, com nascentes situadas nos montes próximos, que desaguam no rio Este, a Sul, e no Cávado e respetivos afluentes, a Norte. De entre estes é de salientar um conjunto de relevos que demarcam o limite ocidental da Serra do Carvalho e que se dispõem a nordeste da cidade, a cerca de 5 km, na zona conhecida pelos topónimos de Areal de Cima e Sete Fontes (ambos na atual freguesia de S. Vítor), em cujos cumes existem aquíferos formados por água de infiltração a uma cota média entre os 280 e os 250 m (Martins, Ribeiro 2012: 13-14).

Dadas as características geomorfológicas do sítio de Braga não é assim surpreendente que nas proximidades do local onde foi fundada a cidade tenha existido um balneário pré-romano, encontrado durante as obras da estação dos caminhos de ferro de Braga e atualmente integrado naquele edifício (Figura 1). Este monumento foi construído no eixo de duas linhas de água, beneficiando assim do manancial necessário aos rituais associados à sua utilização. Trata-se, à data, de um dos mais antigos edifícios do género descobertos entre as bacias



dos rios Minho e Douro, muito provavelmente dos finais do século I a.C. e os inícios do século II d.C..

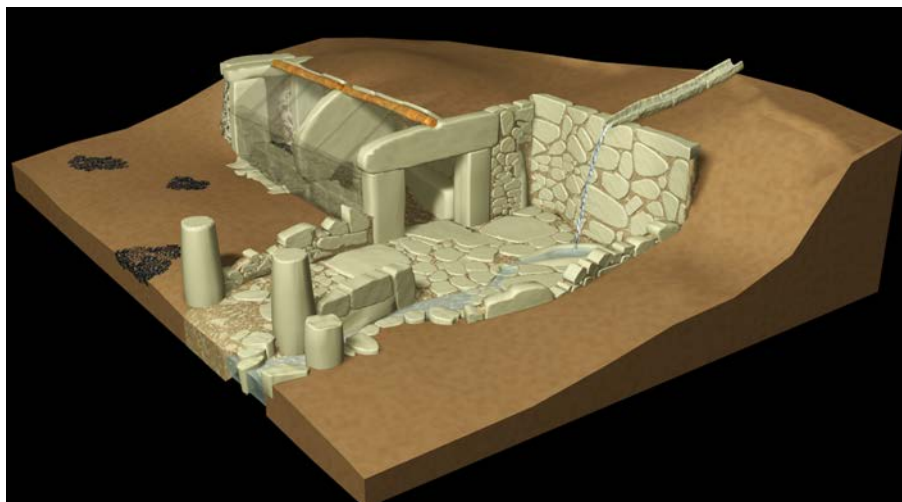


Figura 1. Reconstituição 3D do balneário de tipo “castrejo” (UAUM).

Mas um dos monumentos mais emblemáticos da cidade, “redescoberto” no século XVI, é o santuário rupestre da Fonte do Ídolo, também referido como “Quintal do Idro”. Ainda que sobretudo conhecida na sua estrutura romana esta fonte-santuário teria sido certamente utilizada por parte das populações indígenas que a terão usado com fins religiosos e culturais (Martins *et alii* 2012: 32). Esta encontrava-se num sítio de grande importância geoestratégica, pelo menos desde o período da Idade do Ferro, quer como local de mercado, quer como local de reunião das populações indígenas antes da fundação da cidade (Tranoy 1981: 194).

Dado a conhecer por Jerónimo Contador de Argote, no século XVIII, este local mereceu, desde então, a atenção de vários eruditos e investigadores que o descreveram, desenharam e interpretaram (Figuras 2 e 3). Num estudo monográfico relativamente recente foi apresentado o historial desses estudos e foi proposta uma reconstituição arquitetónica com duas fases distintas (Elena, Mar, Martins 2008), (Figura 4).

O que podemos inferir da sua posição fora dos limites da área urbana de *Bracara Augusta*, numa das saídas da via XVII, que a ligava a *Asturica Augusta* (Astorga), por *Aquae Flaviae* (Chaves), é que se tratava de um santuário “*ad portam*”, situado portanto numa das entradas da cidade.

- Existencialismo 264  
Favónio (vento) 141  
Fé 244, 245  
Feaces 137, 233  
Filipe II da Macedónia 146, 235  
Filipe, o Árabe 158, 162  
Fístula 177, 187  
Flávios 168  
Flores 48, 138, 141, 171, 250  
*Fluctus* 115, 117, 118, 122-123,  
124, 127, 128, 129, 145, 233,  
238  
Fogo 12, 65, 77, 78, 81, 103, 105,  
106, 108, 141, 145, 151, 161,  
169, 243-253  
Fonte 5, 11, 12, 69, 70, 74, 81,  
133, 136, 138, 140, 141, 157,  
158, 159, 165, 170, 171, 172,  
177, 179, 180, 181, 183, 189,  
190, 191, 192, 193, 197, 206,  
208, 250, 252, 253, 257  
Fonte do Ídolo 181, 182, 183, 199  
Francisco de Holanda 133, 134,  
135  
Francisco I 135  
Fresco 134, 135, 137, 150, 151  
*Fretum* 123-124, 129, 164, 168,  
231, 237, 249  
Frígia 143  
*Frigidarium* 188  
Frontino 177, 179  
Fúcinu, Lago 160, 168, 169  
*Fullonicae* 178  
Gália 158  
Giges 143  
Ginecocracia 109  
Glauco 247, 252  
Gnome 60, 61  
Godinho Fafes 190  
Golfo Pérsico 65, 70  
Graça 251, 252  
Granja de Santa Clara 205, 206,  
207, 208, 212, 215, 218, 220  
Grotesco 12, 133, 134, 135, 147,  
149, 150, 151  
Gruta 106, 133, 136, 137, 147,  
148  
Guerra do Peloponeso 12, 103,  
104, 161, 168  
Hades 92, 93, 142, 143, 144  
Helesponto 169  
Hélio (estátua de) 134  
Heliogábalo 158  
Henrique II 135  
Hércules/ Hércules 38, 89, 143,  
166  
Heraclito 40, 41  
Hermenêutica 63, 70, 71, 77  
Hexâmetro Dactílico 117, 120,  
122, 123, 129, 230  
Hidráulica 175, 177, 178, 179,  
191, 200, 208, 220  
Hierão de Siracusa 42  
Himeneu 231, 232  
Hipólito 148  
Hispania 232  
Horto 138  
*Hybris* 168  
Idade Heróica 143  
Imersão 77, 78  
Incêndio 11, 106, 113, 114, 134,  
135, 136, 251, 252  
Índia 248, 249  
Inferno (vale do) 206, 208  
Inferno 80, 140, 141, 142, 143,  
146, 147  
Invasões Francesas 222  
Isabel de Aragão 204  
Israel 66, 67, 68, 76, 77  
Itália 111, 112, 113, 135, 249  
*Ius Aquarum* 176  
Japão 244, 246, 247, 248, 249

- Jerónimo Contador do Aragote  
 181, 182, 189  
 Jerónimo e Helanico 27  
 João (Batista) 64, 77, 78, 79, 259  
 João (Evangelista) 64, 69, 77, 79  
 Jogos 12, 157, 158, 162, 164, 165,  
 166, 167, 169, 170, 172  
 Jónios 41, 49, 143  
 Jordão 12, 66, 67, 69, 78  
 Judaísmo 80  
 Juno 112, 113, 114  
 Juventude 13, 170, 258, 259, 260  
*Katabasis* 143, 144  
 Lago/ Lagoa 12, 67, 68, 122, 134,  
 137, 143, 145, 146, 147, 158,  
 159, 160, 161, 162, 163, 168,  
 169, 206, 208, 247  
 Laocoonte 112, 114, 148  
 Liberdade 76, 171, 172, 199, 244  
 Lídia 143  
 Lima 247, 252  
 Lisístrata 12, 103-117  
 Literatura 11, 12, 21, 25, 54, 56,  
 71, 87, 91, 96, 138, 177, 229,  
 243, 245  
 Literatura Bíblica 67, 82  
 Livre-arbítrio 252  
*Locus* 130, 133, 139, 140, 147, 258  
*Locus amoenus* 133, 138, 139, 140,  
 141, 142, 147, 257  
 Lusitânia 241  
 Macomboia, Manuel Alves  
 203-225  
 Madagáscar 251  
 Mãe de Água 197, 219, 220  
 Manuel da Costa 229-236  
 Mar 12, 19, 21, 27, 30, 46, 48, 49,  
 55, 64, 67, 68, 71, 73, 75, 76,  
 77, 78, 79, 82, 87, 88, 89, 91,  
 93, 94, 95, 96, 97  
 Mar de Tiberíades 65  
 Mar Mediterrâneo 64, 65, 67  
 Mar Morto 66  
 Mar Negro 89  
 Mar Vermelho 12, 64, 65, 147  
*Marmor* 119, 120, 126, 127-129,  
 136, 137  
 Marquês de Pombal 206  
 Mártir/ Martírio 13, 243-252  
 Médio Oriente 65, 252  
 Megas 61  
 Mesopotâmia 69, 70  
 Midas 143  
 Miseno 113, 114, 140, 241, 150  
 Missionários 244, 245, 246, 247,  
 248, 249, 252  
 Mitra 134, 164  
 Moisés 64, 66, 75, 76, 77, 246  
 Mondego 13, 204, 233  
 Monstro 68, 73, 75, 76, 79, 120,  
 128, 147, 148, 169, 239  
 Monte da Esperança 204, 205  
 Mor Dias 204  
 Morte 11, 12, 65, 70, 71, 81, 106,  
 135, 137, 140, 141, 150, 160,  
 165, 166, 168, 170, 171, 230,  
 232, 244, 246, 249, 250, 257,  
 258, 261, 262, 264  
 Mosaico 137, 185, 186  
 Mosteiro de Santa Clara-a-Nova  
 203, 205, 217, 218  
 Nagasaki 13, 243, 245, 250  
 Nápoles 134  
 Nascente 70, 74, 140, 177, 179,  
 180, 189, 190, 193, 199, 206,  
 208, 209, 212, 215, 218, 219,  
 220, 240  
 Natação/ Nadar 161, 163, 164,  
 171  
 Natureza 12, 19, 23, 24, 25, 27,  
 45, 55, 61, 62, 67, 72, 75, 77,  
 88, 89, 94, 96, 104, 105, 115,

- 136, 140, 146, 148, 149, 158,  
176, 177, 186, 213, 233, 235,  
236, 263
- Naufrágio 68, 171, 246
- Naumachia* 157, 158, 159, 160,  
161, 162, 165, 166, 167, 168
- Nausícaa 233, 239, 246
- Navegar/ Navegação 64, 67, 112,  
113, 114, 119, 126, 171, 233,  
234, 235, 236, 246, 264
- Navio 114, 159, 160, 161, 162,  
164, 166, 171, 234, 251
- Nekyia* 143
- Neptuno 116, 164, 231, 247, 248,  
252
- Nereu 165, 247, 252
- Nero 133, 134, 135, 136, 137,  
148, 150, 151, 158, 159, 161,  
164, 165, 166, 168, 170
- Nilo 25, 65, 70, 151
- Ninfeu 134, 178, 136
- Noto 141
- Oceano/ *Oceanus* 18, 19, 20, 21,  
22, 23, 25, 28, 31, 88, 89, 90,  
129, 130, 140, 143, 163, 164,  
171, 232, 237, 247
- Olbos 58, 59
- Olimpo 137, 142, 144, 113
- Ópio (monte) 134, 135
- Ordem de S. Francisco 264
- Ordem de Santa Clara 264
- Ordenação das Cidades Famosas  
180
- Orfeu 143, 166
- Oriente 167, 172, 232, 240, 246,  
248
- Óstia 150, 164
- Ouro (Idade do) 137
- Ouro 35-51, 140, 147, 160, 163,  
164, 246, 248, 235
- Pacheco S. J., Francisco 243, 245,  
246, 247, 249, 251
- Palatino (monte) 134, 135
- Pandora 21
- Párfasis 58, 59
- Párodo 89, 103, 104, 105, 106,  
107, 108, 109
- Paulo, S. 67, 68, 72, 81, 244, 261
- Pedro de Freitas 204
- Pedro, S. 78, 79, 80, 81
- peixes 67, 70, 80, 136, 137, 149,  
150, 151, 244, 263
- Pelagus* 60, 88, 115, 117, 119, 121,  
128, 141, 143, 163, 229, 231,  
236, 240
- Península Ibérica 198, 232
- Pereira S. J., Bartolomeu 13, 243,  
245, 246, 248, 250
- Pirataria 171, 172
- Pisão (Conjuração de) 135
- Poeisis Mitohistórica 55
- Polifemo 136
- Ponto 21, 76, 111, 115, 120, 121,  
125, 128, 158, 169, 231, 233,  
238, 240
- Posidon 12, 39, 87, 88, 89, 90, 95,  
96, 97, 98, 99
- Prado 138, 139, 141, 250
- Prefiguração 63, 244, 246
- Priamel 44, 48
- Prosérpina 141, 142
- Proteu 13, 143, 229, 230, 231,  
232, 235, 236, 237, 241, 247,  
252
- Putéolos (Puzol, moderna  
Pozzuoli) 141, 163, 171
- Quarto Estilo Pompeiano 135,  
137
- Rabírio 135
- Real Aqueduto de Santa Clara  
203
- Renascimento 76, 135, 136, 147

- Ressureição 64, 75  
 Riacho /Ribeiro 141  
 Rio Ave 190  
 Roma 68, 133, 134, 135, 158,  
     162, 168, 170, 172, 177, 179,  
     234, 238, 244, 248  
 S. Lourenço (Ilha de) 251  
 Sacrifício 144, 169, 170, 244, 245,  
     246, 247, 250  
 Salamina (Batalha de) 161, 168  
 Samos 145  
 Santos 251, 252  
 Semedo S. J., Álvaro 248  
 Sepulcro 76, 246, 247, 249, 250  
 Severo 134, 159  
 Sexto Pompeio 158, 162  
 Sibila 113, 143, 233  
 Sicília 105, 112, 113, 114, 138,  
     141, 161  
 Sifão (Pedra de) 195, 196, 197,  
     198  
 Siracusa 42, 43, 44, 162, 168  
 Síria 65, 66, 137  
 Sisto IV (Papa) 135  
 Sofrimento 105, 135, 244, 252  
*Specus/ Spelunca* 122, 137, 145,  
     146, 178  
*Stagnum* 125, 170  
*Stagnum Augusti* 162, 164  
 Strabo, Walafridus 247  
 Tales de Mileto 23, 49  
 Társis 67  
 Tártaro 21, 142, 143, 144  
 Tebas 12, 59, 60, 88, 89, 92, 93,  
     96  
 Tejo 231, 232, 233, 234, 235, 247  
 Tempestades 11, 64, 67, 68, 78,  
     81, 111, 112, 130, 140, 165  
 Ténaro 143  
 Teócrito 138  
 Teodiceia 77, 81  
 Teofrasto 149  
*Tepidarium* 188  
 Terceiro Estilo Pompeiano 147  
 Termas 13, 135, 136, 178, 184,  
     187, 188, 189, 193  
 Terra 19-31, 37, 38, 41, 57, 65, 66,  
     68, 69, 72, 73, 74, 76, 77, 78,  
     80, 81, 87-99, 113, 114, 115,  
     116, 118, 119, 120, 124, 129,  
     136, 141-147, 149, 150, 151,  
     158, 163, 164, 169, 171, 210,  
     232, 234, 235, 237, 240, 246,  
     247, 251, 258, 260  
 Terramoto 135, 144, 145  
 Território/ Lugar Sagrado/  
     *Temenos* 66, 68, 87, 89, 93, 94,  
     95, 96, 98, 99, 104, 151, 179,  
     198, 209  
 Tertuliano 247  
 Teseu 141, 142, 143  
 Tesprócia 143  
 Tetis 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25,  
     28, 30, 233, 235, 248  
 Thíasos 6, 31, 103, 105  
 Tiamat 20  
 Tibério 157, 158, 165  
 Tibre 147, 159, 162, 164, 147  
 Tigelino 163, 167, 171  
 Tigre 65, 66  
 Tindáridas 141  
 Tipologia 13, 63, 70, 71, 74, 139,  
     140, 141, 178, 210  
 Tito (Termas de) 135  
 Tito 157, 158, 159, 161, 164, 167,  
     168, 169  
 Tivoli 134  
 Tokugawa, Shogun 244  
 Tomos 141  
 Topografia 138, 178, 180, 208,  
     209, 210, 218, 222  
*Topos* 138, 157

*Topothesia* 138  
Trajano (Termas de) 135  
Tritão 124, 161, 231, 232  
Tróia 67, 112, 122, 126, 130  
Túmulos 134  
Ulisses 143, 232, 246  
Universidade 203, 205, 207, 211,  
213, 214, 215, 216, 217, 222,  
223, 224  
Urbanismo 260  
*Vadum* 123-125  
Valores Supremos 35, 37  
Varrão 138  
Vátia 137  
Vaticano (Cidade do) 134  
Ventos 74, 77, 78, 137, 143, 145,  
146, 251, 263  
Vergílio Ferreira 257-265  
Via de Comunicação 11, 171  
Vicente, S. 191, 192, 247  
Vida 67, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76,  
78, 80, 81, 82, 87, 88, 91, 92,  
94, 96, 97, 98, 99, 108, 109,  
112, 134, 150, 157, 162, 165,  
166, 170, 171, 172, 177, 186,  
231, 236, 243, 245, 247, 250,  
252, 253, 257, 258, 259, 260,  
261, 262, 264  
*Villa* (de Adriano) 171, 134, 177,  
183  
Virgílio 12, 111-131  
Vnda/ Onda 68, 76, 141, 145,  
150, 165, 231, 233, 239, 244,  
245, 247, 248, 249, 261, 263  
Vulcano 251, 252  
Xenófanes 13, 22, 26, 27, 28, 31,  
38  
Zéfiro 141, 233  
Zenão 29, 32  
Zeus 19, 21, 22, 56, 57, 58, 60, 70,  
89, 142

Zola S. J., João 249

## VOLUMES PUBLICADOS NA COLEÇÃO HUMANITAS

### SUPPLEMENTUM

1. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 1 – Línguas e Literaturas. Grécia e Roma* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
2. Francisco de Oliveira, Cláudia Teixeira e Paula Barata Dias: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 2 – Línguas e Literaturas. Idade Média. Renascimento. Recepção* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
3. Francisco de Oliveira, Jorge de Oliveira e Manuel Patrício: *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. Vol. 3 – História, Arqueologia e Arte* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2010).
4. Maria Helena da Rocha Pereira, José Ribeiro Ferreira e Francisco de Oliveira (Coords.): *Horácio e a sua perenidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
5. José Luís Lopes Brandão: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
6. José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Tröster and Paula Barata Dias (eds): *Symposion and Philanthropia in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2009).
7. Gabriele Cornelli (Org.): *Representações da Cidade Antiga. Categorias históricas e discursos filosóficos* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/Grupo Archai, 2010).
8. Maria Cristina de Sousa Pimentel e Nuno Simões Rodrigues (Coords.): *Sociedade, poder e cultura no tempo de Ovídio* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH/CEC/CH, 2010).
9. Françoise Frazier et Delfim F. Leão (eds.): *Tychè et pronoia. La marche du monde selon Plutarque* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, École Doctorale 395, ArScAn-THEMAM, 2010).
10. Juan Carlos Iglesias-Zoido, *El legado de Tucídides en la cultura occidental* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, ARENGA, 2011).
11. Gabriele Cornelli, *O pitagorismo como categoria historiográfica* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
12. Frederico Lourenço, *The Lyric Metres of Euripidean Drama* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2011).
13. José Augusto Ramos, Maria Cristina de Sousa Pimentel, Maria do Céu Fialho, Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Paulo de Tarso: Grego e Romano, Judeu e Cristão* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).

14. Carmen Soares & Paula Barata Dias (coords.), *Contributos para a história da alimentação na antiguidade* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
15. Carlos A. Martins de Jesus, Claudio Castro Filho & José Ribeiro Ferreira (coords.), *Hipólito e Fedra - nos caminhos de um mito* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
16. José Ribeiro Ferreira, Delfim F. Leão, & Carlos A. Martins de Jesus (eds.): *Nomos, Kosmos & Dike in Plutarch* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
17. José Augusto Ramos & Nuno Simões Rodrigues (coords.), *Mnemosyne kai Sophia* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
18. Ana Maria Guedes Ferreira, *O homem de Estado ateniense em Plutarco: o caso dos Alcmeónidas* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
19. Aurora López, Andrés Pociña & Maria de Fátima Silva, *De ayer a hoy: influencias clásicas en la literatura* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
20. Cristina Pimentel, José Luís Brandão & Paolo Fedeli (coords.), *O poeta e a cidade no mundo romano* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
21. Francisco de Oliveira, José Luís Brandão, Vasco Gil Mantas & Rosa Sanz Serrano (coords.), *A queda de Roma e o alvorecer da Europa* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2012).
22. Luísa de Nazaré Ferreira, *Mobilidade poética na Grécia antiga: uma leitura da obra de Simónides* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
23. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & JoséLuís Brandão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. I – Dos saberes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 282 p.
24. Fábio Cerqueira, Ana Teresa Gonçalves, Edalaura Medeiros & Delfim Leão, *Saberes e poderes no mundo antigo. Vol. II – Dos poderes* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 336 p.
25. Joaquim J. S. Pinheiro, *Tempo e espaço da paideia nas Vidas de Plutarco* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013). 458 p.
26. Delfim Leão, Gabriele Cornelli & Miriam C. Peixoto (coords.), *Dos Homens e suas Ideias: Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2013).
27. Italo Pantani, Margarida Miranda & Henrique Manso (coords.), *Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista* (Coimbra, Classica Digitalia/CECH, 2013).
28. Francisco de Oliveira, Maria de Fátima Silva, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (coords.), *Violência e transgressão: uma trajetória da Humanidade* (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).



29. Priscilla Gontijo Leite, *Ética e retórica forense: asebeia e hybris na caracterização dos adversários em Demóstenes* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
30. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo. - Volume I* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
31. André Carneiro, *Lugares, tempos e pessoas. Povoamento rural romano no Alto Alentejo. - Volume II* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia, 2014).
32. Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão, Maria Aparecida de Oliveira Silva (coords.), *Plutarco entre mundos: visões de Esparta, Atenas e Roma* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
33. Carlos Alcalde Martín, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *O sábio e a imagem. Estudos sobre Plutarco e a arte* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2014).
34. Ana Iriarte, Luísa de Nazaré Ferreira (coords.), *Idades e género na literatura e na arte da Grécia antiga* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).
35. Ana Maria César Pompeu, Francisco Edi de Oliveira Sousa (orgs.), *Grécia e Roma no Universo de Augusto* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2015).
36. Carmen Soares, Francesc Casadesús Bordoy & Maria do Céu Fialho (coords.), *Redes Culturais nos Primórdios da Europa - 2400 Anos da Fundação da Academia de Platão* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
37. Claudio Castro Filho, *“Eu mesma matei meu filho”: poéticas do trágico em Eurípides, Goethe e García Lorca* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
38. Carmen Soares, Maria do Céu Fialho & Thomas Figueira (coords.), *Pólis/ Cosmópolis: Identidades Globais & Locais* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
39. Maria de Fátima Sousa e Silva, Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho & José Luís Lopes Brandão (coords.), *O Livro do Tempo: Escritas e reescritas. Teatro Greco-Latino e sua recepção I* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
40. Maria de Fátima Sousa e Silva, Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho & José Luís Lopes Brandão (coords.), *O Livro do Tempo: Escritas e reescritas. Teatro Greco-Latino e sua recepção II* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
41. Gabriele Cornelli, Maria do Céu Fialho & Delfim Leão (coords.), *Cosmópolis:*

*mobilidades culturais às origens do pensamento antigo* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).

42. Nair de Nazaré Castro Soares, Cláudia Teixeira (coords.), *Legado clássico no Renascimento e sua receção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2016).
43. Françoise Frazier & Olivier Guerrier (coords.), *Plutarque. Éditions, Traductions, Paratextes* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2017).
44. Cláudia Teixeira & André Carneiro (coords.), *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2017).
45. Aldo Rubén Pricco & Stella Maris Moro (coords.), *Pervivencia del mundo clásico en la literatura: tradición y relecturas*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2017).
46. Cláudia Cravo & Susana Marques (coords.), *O Ensino das Línguas Clássicas: reflexões e experiências didáticas*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2017).
47. Breno Battistin Sebastiani, *Fracasso e verdade na recepção de Políbio e Tucídides* (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume 2017).
48. Christian Werner, *Memórias da Guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2018).
49. Paola Bellomi, Claudio Castro Filho, Elisa Sartor (eds.), *Desplazamientos de la tradición clásica en las culturas hispánicas*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2018).
50. V.M. Ramón Palerm, G. Sopeña Genzor, A.C. Vicente Sánchez (eds.), *Irreligiosidad y Literatura en la Atenas Clásica*. (Coimbra e São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra e Annablume, 2018).
51. Luiz César de Sá Júnior, *Escrever para não morrer: retórica da imortalidade no epistolário de Damião de Góis*. (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).
52. José Luís Brandão & Paula Barata Dias, *O melhor é a Água: Da Antiguidade Clássica aos nossos dias*. (Coimbra e, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018).

Este volume propõe-se apresentar múltiplas leituras sobre o tema da água, desde a sua utilização concreta e material à dimensão simbólica, metafórica e imaterial: como elemento primordial associado à criação do mundo, fonte de vida e de morte, espaço de lazer, elemento constituinte de rituais, via de comunicação ou de separação entre as gentes, meio e sinal de civilização e elemento estruturante da cidade. As fontes usadas provêm da filosofia antiga, da religião, da poesia, da dramaturgia, da história e biografia, da arqueologia, tanto na antiguidade como na receção humanista e contemporânea.